



DEPARTAMENTO DE TAQUIGRAFIA, REVISÃO E REDAÇÃO

NÚCLEO DE REDAÇÃO FINAL EM COMISSÕES

TEXTO SEM REVISÃO

COMISSÃO DO ESPORTE			
SUBCOMISSÃO ESPECIAL DAS ARTES MARCIAIS MISTAS			
EVENTO: Audiência Pública	REUNIÃO Nº: 1536/16	DATA: 01/12/2016	
LOCAL: Plenário 4 das Comissões	INÍCIO: 10h21min	TÉRMINO: 12h38min	PÁGINAS: 57

DEPOENTE/CONVIDADO - QUALIFICAÇÃO

**ANTÔNIO RODRIGO NOGUEIRA, MINOTAURO - Lutador de MMA.
CARLOS EDUARDO BARRETO DOS SANTOS - Comentarista do Canal Combate.
CÉLIO RENÉ - Coordenador de Lazer e Inclusão Social do Ministério do Esporte.**

SUMÁRIO

Discussão sobre o MMA como esporte de inclusão no âmbito da Subcomissão de MMA.

OBSERVAÇÕES

NOTAS TAQUIGRÁFICAS SEM REVISÃO, APENAS PARA CONSULTA.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Fábio Mitidieri) - Bom dia a todos e a todas! Esta reunião de audiência pública da Subcomissão Especial de Arte Marciais Mistas — MMA, da Comissão do Esporte, está sendo realizada em virtude da aprovação do Requerimento nº 124, de 2016, de minha autoria e de autoria dos Deputados João Derly e Flávia Moraes. O objetivo desta audiência é discutir o MMA como esporte de inclusão, no âmbito da Subcomissão de MMA.

Quebrando um pouco o protocolo, eu peço aos convidados que usem da palavra onde estão, porque, se todos se sentarem à mesa, o plenário vai ficar vazio, se não se incomodarem, obviamente.

Agradeço a presença do Sr. Antônio Rodrigo Nogueira, nosso Minotauro, lutador de MMA; a presença do Sr. Carlos Eduardo Barreto dos Santos, nosso Carlão Barreto, comentarista esportivo do canal Combate, da *SporTV*; a presença do Sr. Célio René Trindade Vieira, Coordenador-Geral de Lazer e Inclusão Social do Ministério do Esporte. Agradeço também a presença do nosso Relator, Deputado João Derly.

Comunico que o Sr. Kerrith Brown, Presidente da Federação Internacional de Artes Marciais Mistas, também foi convidado, mas, em decorrência de compromissos previamente assumidos, não pôde comparecer.

Antes de passar a palavra aos convidados, informo as regras de condução dos trabalhos desta audiência pública. O convidado deverá limitar-se ao tema em debate e disporá de 15 minutos para a sua explanação, não podendo ser aparteado. Após as exposições, serão abertos os debates. Os Deputados interessados em interpelar os palestrantes deverão inscrever-se previamente, e poderão interpelar estritamente sobre o assunto da exposição, pelo prazo de 3 minutos. Será permitida a réplica e a tréplica a qualquer participante que seja citado durante os debates.

Mais uma vez, agradeço a presença de vocês, convidados. Nós sabemos quão atribulada é a vida de vocês. A nossa também é. Estamos aqui hoje, quinta-feira, após termos participado de uma sessão quase até às 5 horas da manhã. Mas é importante discutir o MMA como esporte de inclusão. Esta reunião está sendo transmitida para todo o Brasil, e ajudará a enriquecer o relatório do Deputado João Derly, que formulará novas concepções do MMA no Brasil.



Como eu vinha dizendo, é preciso mostrar outra face do MMA, mostrar o MMA como um esporte de inclusão, educacional, formador do cidadão. Essa é uma preocupação que nós temos. E vocês, como ídolos, têm importância para as novas gerações, porque o MMA é o esporte que mais cresce no Brasil. E nós queremos que ele cresça de forma ordenada. Muitas vezes as pessoas veem apenas — não é, René? — o UFC, que é a copa do mundo do MMA. Mas a realidade do MMA é outra.

E esta Subcomissão tem a obrigação de viajar o Brasil para conhecer a realidade dos eventos, a realidade das escolinhas de MMA. Nós estamos começando pelas audiências públicas. Mas, depois, nós faremos visitas *in loco*. A Casa do Povo, a Câmara dos Deputados precisa contribuir, de alguma forma, com o crescimento e desenvolvimento desse esporte que todos nós gostamos que é o MMA.

E passo a palavra, de imediato, ao nosso Minotauro para fazer sua explanação. Minotauro, você tem duas opções. Você pode falar conosco daqui ou daí, conforme achar melhor.

O SR. ANTÔNIO RODRIGO NOGUEIRA (Minotauro) - Eu vou ficar sentado aqui mesmo. Deputado Fábio, Deputado João, demais presentes nesta audiência, é um prazer estar aqui e ver que há realmente uma preocupação com o nosso esporte. Para mim, o MMA é o segundo esporte mais visto no Brasil, depois do futebol. É um grande esporte, no qual nós temos grandes representantes. É um esporte que cresce muito nas comunidades. Eu dou o exemplo do Rio de Janeiro, onde temos um trabalho social com 950 crianças, 950 praticantes.

O MMA, em si, não é o UFC, como você mesmo falou. É o *Mixed Martial Arts*, a mistura de artes marciais. Temos uma luta que é a luta base do Brasil: o jiu-jítsu. Nós somos muito fortes no jiu-jítsu, no boxe e no *muay thai*.

A nossa luta base não é dada na escola pública, como é ensinado nos Estados Unidos, onde temos o *wrestling* na escola pública. Então, para chegarmos e querermos um resultado nas competições de alto rendimento, como é no UFC, em que brasileiros competem com os americanos, é difícil, porque o brasileiro já sai atrás. Lá é dado o *wrestling* na escola pública. Então, é difícil, mas, mesmo assim, conseguimos ter ali um terço dos cinturões do mundo inteiro nessas modalidades.



Então, é muito importante saber que o brasileiro é muito talentoso nessa modalidade.

No jiu-jítsu, nós temos um grande exemplo que é dado em Abu Dhabi, onde temos mais de mil brasileiros ensinando o jiu-jítsu e é matéria obrigatória nas escolas públicas do Estado. Se o garoto passar em matemática, ou seja, nas matérias obrigatórias e não cumprir a matéria do jiu-jítsu, ele não passa de ano. Por quê? Porque foi identificado em um país de primeiro mundo que a arte marcial, realmente, traz para as crianças valores de educação, de disciplina, de competitividade, que serão cobrados no mercado de trabalho, e faz isso muito bem.

Então, fui reconhecido fora do Brasil. Ainda não conseguimos, nos esportes de contato no Brasil, dar isso, de forma mais democrática, nas escolas públicas. Então, eu acho que seria um grande passo. Hoje em dia, conseguimos algumas escolas do Brasil que já têm o caratê, o judô, mas, se tivéssemos isso em âmbito maior, conseguiríamos dar um grande passo para o nosso esporte, que é o MMA.

Acho também que há a importância de vocês e nós todos estarmos reunidos para discutir um forma justa de condições para o lutador brasileiro lutar, ou seja, a condição de saúde e uma condição mínima de pagamento justo em eventos que sejam abaixo de uma comissão que examine isso. A CAB faz isso muito bem. Então, fico feliz que haja, realmente, essa grande preocupação com o nosso esporte. Vocês estão fazendo reuniões e, realmente, existe esta Comissão que identifica o nosso esporte como um grande esporte brasileiro.

Fico feliz aqui. O Carlão está do meu lado, outro grande ídolo do esporte, tem uma grande história. Quando eu comecei nesse esporte, comecei olhando o Carlão na Revista *Tatame*, era o meu grande ídolo. Eu me espelhei muito nele. Hoje em dia, fico muito feliz de tê-lo aqui ao meu lado, lutando por esse esporte. Então, estamos aqui reunidos hoje. Fico, como eu falei, muito feliz em ter essa grande preocupação no nosso esporte. Tenho certeza de que vamos dar grandes passos com reuniões como essa.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Fábio Mitidieri) - Antes de passar a palavra, eu acredito, Deputado João Derly, que poderíamos ouvir e depois fazer os questionamentos, para que ficasse mais didático. Temos uma preocupação notória até de saber como é a realidade das escolinhas, se há escolinha no Rio de Janeiro,



se há fora do Rio de Janeiro, eu não sei se você conhece os projetos sociais de MMA fora do Rio, se funcionam bem, se essas crianças são alimentadas, se têm rendimento na escola superior quando estão envolvidas nos esportes de contato, no caso do MMA, para que tenhamos isso como exemplo.

Então, todos esses são questionamentos que fazemos aqui para demonstrar para a sociedade brasileira que a criança que aprende a disciplina nas artes marciais tem um desempenho melhor na vida, não apenas na escola, mas falar é fácil. Queremos comprovar isso com o desempenho que vocês comprovam pessoalmente nas escolinhas.

Eu vou passar a palavra, depois somamos tudo e fazemos um bate-papo. Seria melhor assim.

Com a palavra Carlão.

O SR. CARLOS EDUARDO BARRETO DOS SANTOS - Bom dia a todos. É novamente um grande prazer estar aqui. Obrigado pelo convite, Deputado Fábio Mitidieri, Deputado João Derly. Bom dia a todos os presentes.

Primeiramente, é uma honra estar ao lado do Rodrigo Minotauro e saber que eu servi de espelho para ele na minha trajetória. É chato que eu fico com cara de velho, não é? *(Risos.)* Mas tudo bem.

O SR. ANTÔNIO RODRIGO NOGUEIRA (Minotauro) - Mas está magrinho. *(Risos.)*

O SR. CARLOS EDUARDO BARRETO DOS SANTOS - Agora estou magrinho. *(Risos.)*

Realmente, é uma grande honra. O Rodrigo é um grande ídolo do esporte, uma pessoa que trabalha muito em prol do esporte no Brasil, em prol da classe dos lutadores. Então, sinto-me muito honrado, bem como por estar aqui do lado do Dr. Célio, que é um homem envolvido com o esporte, trabalha de forma séria e digna para que o esporte brasileiro seja respeitado.

Novamente eu reitero que o MMA é um esporte que tem todos os indicativos, todas as ferramentas para que, realmente, seja um esporte de massa, que possa ser praticado em todo o País, obviamente, dentro de um enquadramento, de uma organização, de um olhar mais técnico, educacional, para que isso seja feito de uma forma saudável para todos que o praticam.



O Minotauro colocou muito bem: o Brasil é um país de dimensões continentais, com uma população carente muito grande, e a prática esportiva, principalmente das artes marciais nos colégios, seria de grande valia para formar caráter, para poder realmente incluir essas pessoas de uma forma muito digna na sociedade brasileira, principalmente porque a base filosófica da luta, das artes marciais é a integridade, o caráter, a sociabilização, o entendimento de que você não está só, de que depende do outro para executar os movimentos. Muitas pessoas acham que, por ser um esporte individual, é um esporte que depende só de você, mas depende de uma equipe, de um companheiro que treina com você. É por isso que há o cumprimento de você se inclinar diante do seu adversário, agradecendo o corpo dele por estar ali presente.

Então, sem dúvida nenhuma — o Dr. Célio está aqui do meu lado —, é uma situação, realmente, delicada sabermos que as artes marciais, por mais que sejam praticadas por boa parte dela da população brasileira, ainda tem um pouco de preconceito contra as artes marciais. Eu não entendo muito bem o porquê desse preconceito, se a arte marcial justamente é educacional. Ela está ali para fazer com que as pessoas tenham um entendimento melhor do ser, de como se comportar diante da sociedade, primando pelo caráter, pela honra, pelo respeito.

Então, seria uma grande contribuição para a população brasileira se um dia as artes marciais fossem ensinadas nos colégios, seja o jiu-jítsu, que é uma luta, por mais que tenha a sua origem nipônica, formada e desenvolvida no Brasil, seja o judô ou a luta olímpica. Seria, realmente, de grande valia para toda a sociedade. Nós iríamos formar mais cidadãos, mais campeões, não campeões no tatame, como o grande Deputado João Derly e como o Minotauro, mas campeões na vida. Seria de muita grande valia.

Eu me coloco à disposição para trabalhar em prol disso, para que o MMA e as artes marciais sejam cada vez mais aceitas e nós possamos, realmente, criar um modelo de trabalho digno, que os atletas e os eventos possam seguir essa planilha, essa cartilha, para uma evolução contínua. Então, eu estou aqui à disposição para o que precisarem de mim, para contribuir com o meu pouco conhecimento para esse esporte.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Fábio Mitidieri) - A modéstia do Carlão: “*Com o meu pouco conhecimento*” — dele e do Minotauro. (*Risos.*)

Temos uma preocupação, Carlão, e é algo que vamos comentar aqui, o João Derly também. Vou dar um exemplo do *Canal Combate*, em que você trabalha: como é que ele pode estimular a prática do MMA pela ótica da inclusão. Eu sou assinante do *Combate*. Às vezes, começamos a assistir à ótica do lutador, do esporte, do contato, do evento. É interessante que começássemos a fazer trabalhos de estímulo ao MMA, como esporte de inclusão, como esporte formador de caráter, de cidadão, mostrando a realidade das escolinhas, um outro lado do esporte, que não seja apenas a competição de nível profissional, que é o que muitas vezes vemos nos canais que transmitem esporte, como um todo, não apenas o *Combate*.

Estamos falando em *Combate* porque estamos falando de MMA, mas também me refiro a outros canais que transmitem luta. Seria importante haver isso, porque vemos que há um preconceito, como você colocou, ao MMA, mas não tem ao caratê e ao judô. Por exemplo, os pais levam o filho para praticar o caratê, o judô, mas não o levam para praticar o MMA.

Tínhamos que nos questionar — vocês como atletas e ex-atletas, comentaristas; e nós como amantes do esporte — por que existe esse preconceito com esse e não existe com aquele. Como é que combatemos esse tipo de preconceito ao MMA e chegarmos ao nível que já atingiu o judô e o caratê? Estamos em um ponto em que uma escola aceita implementar o judô e o caratê, mas não aceita ou tem receio de implementar o MMA, que, muitas vezes, seria apenas as noções básicas das artes márcias, em várias modalidades. Deve-se justificar e esclarecer a um pai ou uma mãe que o filho deles não vai chegar à casa arreventado, sangrando; ele vai chegar lá com noções básicas de artes marciais, mas com caráter formado, uma criança preparada para ser um cidadão mais à frente e uma pessoa melhor na vida.

Essa é uma ótica que questionamos, e vocês tem como combater.

Agora, queria passar a palavra ao nosso amigo Célio René, do Ministério do Esporte.

Queria lhe agradecer, Célio, pela presença, você que também disse que tem formação em caratê, então, entende um pouco do que queremos dizer, dessa



diferença entre o MMA e os esportes como caratê e judô. Qual é a ótica do Ministério do Esporte nessa linha?

O SR. CÉLIO RENÉ - Obrigado pelo convite.

Nosso Ministro Picciani mandou um abraço. O nosso Secretário Leandro também. Eles estavam em outros compromissos e não poderiam vir. Inclusive, o nosso Ministro é faixa preta de jiu-jítsu e o nosso Secretário Leandro é faixa azul de jiu-jítsu também. Eu sou faixa preta de caratê. Então, o Ministério tem aí muita sensibilidade com relação a essas causas do esporte e das artes marciais.

Então, parabéns à Comissão, aos Deputados. É um prazer imenso estar aqui ao lado de tantos campeões de luta, Minotauro, Carlos e também o nosso Deputado João Derly.

Nós estamos no Ministério em um momento muito bom com relação às artes marciais. Sabemos desse valor do esporte como elemento educador.

Nós sabemos também que as artes marciais possuem essa grande força como elemento de formação cidadã e tudo mais, mas nem sempre nós conseguimos que fossem enxergadas com esse potencial que elas têm. E, quando nós falamos de uma política pública esportiva educacional, nós temos que lembrar que, pelo modelo brasileiro, nós temos que dialogar com o Ministério da Educação. Ele é muito importante nesse processo. Se nós falamos de colocar as modalidades de artes marciais, como o MMA, nas escolas, então nós temos um parceiro muito importante: o Ministério da Educação. O Ministério do Esporte já vem construindo esse diálogo com o Ministério da Educação — fomos muito bem recebidos lá —, mas eu acho que depende de nós do esporte, inclusive das artes marciais, ir construindo esse nosso caminho.

Por que digo isso? No Brasil, nós passamos alguns anos discutindo de quem era a responsabilidade de ministrar ou de controlar as artes marciais. Ocorreu debate inclusive nesta Casa. Houve um momento em que os próprios conselhos ligados à educação física queriam ser os responsáveis pela arte marcial, e são coisas bastante distintas. A arte marcial segue uma lógica própria. Se nós formos discutir um dia sobre esse tema — a matéria já foi superada, inclusive —, nós vamos buscar desde a história de como as artes surgiram, nós vamos buscar na antropologia e na sociologia por que elas são diferentes. Esse confronto do homem



com o homem sempre existiu e sempre vai existir, e as artes marciais fizeram desse desafio do homem com o homem uma maneira de se evoluir inclusive socialmente.

A nossa cultura formal, inclusive as nossas universidades, muitas vezes não enxergaram esse valor das artes marciais. Nós ficamos nessa discussão durante muito tempo. E talvez um dos preconceitos seja esse. A nossa academia, em alguns locais, nem todos — nós não podemos generalizar —, tem dificuldade de enxergar nas artes marciais esse potencial educacional. Nós praticantes sabemos como isso é desenvolvido ali, dentro do *dojo*, dentro do tatame. E nós sabemos que essa formação das artes marciais é uma questão muito da prática. Não adianta querer educar, querer formar um garoto, querer formar um atleta senão ali na área de treinamento, no *dojo*, no dia a dia, na sua dedicação, no seu treinamento. Nós podemos inclusive usar os elementos de competição dentro da escola como valor educativo — isso na fase inicial; nós não estamos nem preocupados em formar o atleta; aí já é outra etapa, de que isso pode servir de base.

A nossa academia sempre teve dificuldade de enxergar isso. São muitos conceitos, muitas teorias — muito ricas, bacanas —, mas a arte marcial tem outro elemento. Então, quando há oportunidade de discutirmos sobre isso, inclusive na academia, eu tenho falado: *“O.k. Se nós queremos escutar teóricos da educação física, é muito bacana, mas vamos falar também de Jigoro Kano, de Funakoshi, de Hélio Gracie, de Minotauro”*. É outra formação muito rica diferente. São saberes diferentes, cada um na sua formação.

Hoje cada uma das federações cria o seu modelo. Para se formar um faixa preta, são anos de dedicação, são anos de história, são anos de formação, igual para se formar um doutor, para se formar um professor, mas são escolas e saberes diferentes. Então, não adianta nós quisermos enxergar as artes marciais com os conhecimentos da academia que temos hoje. Nós temos que mudar essa visão. Eu acho que dessa forma nós começamos a vencer o preconceito. Não adianta também apenas conversarmos. Nós temos que mostrar o trabalho, como nós vimos mostrando. E aí vem essa importância do MMA como uma grande vitrine.

Hoje, nós temos grandes ídolos do esporte nacional — a mídia tem um carinho muito especial pelo MMA —, então, temos uma força que nos ajuda. Agora, como vamos utilizar isso? Como vamos conseguir fazer com que o Governo ou o



Estado reconheça isso como um elemento de transformação social, com a possibilidade de colocar, inclusive, essas modalidades esportivas, essas práticas corporais, nas escolas? Essa é uma outra visão.

Eu acho que é muito bem-vinda essa Comissão, porque o que nós temos que ter em mente são coisas distintas. Uma, são as grandes instituições, como UFC, e, no Brasil, nós temos também as instituições que promovem o seu circuito competitivo; algumas são federações, outras são instituições privadas. Então, é um circuito bacana, muito rico, traz grandes ídolos, fomenta a questão econômica e desenvolve uma série de coisas. A outra questão é que nós também temos que enxergar que o esporte é muito mais do que isso. Isso é uma parte, é uma grande vitrine que temos, mas, principalmente nós, como Estado, temos que enxergar a formação. Eu acho que a arte marcial, que o MMA, em qualquer uma das suas modalidades de luta, de combate, tem muito a contribuir na formação dessa sociedade. Agora, como nós vamos construir esse caminho é um desafio. Nesse sentido, eu acho que esta Comissão pode colaborar e muito. É isso, por enquanto.

Obrigado a todos.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Fábio Mitidieri) - Eu que agradeço, Dr. Célio.

Passo a palavra ao nosso Relator, o Deputado João Derly, bicampeão mundial do judô, ídolo também desta Casa, como grande Deputado, e não só do esporte.

Queria dizer, Dr. Célio, que, ao ouvir o senhor falar, surgiu uma preocupação. Essa ambiguidade, essa dupla responsabilidade entre quem cuida do esporte escolar, se é o Ministério dos Esportes ou o Ministério da Educação, também ocorre nas esferas Estaduais e Municipais. Muitas vezes, como todo mundo tem que cuidar, ninguém cuida. Então, joga-se a responsabilidade da Secretaria de Estado do Esporte para a de Educação; a de Educação devolve para o Estado, e o desporto escolar é, muitas vezes, prejudicado por essa falta de diálogo e, principalmente, de se querer investir, porque quando se fala em diálogo na política, fala-se em quem vai bancar o investimento. Nós sabemos que o recurso maior está na Educação, que tem o recurso carimbado, e não está no Esporte, embora o *know-how* esteja no esporte.



Há uma outra situação, sobre a qual faremos uma pergunta mais tarde, que é referente ao modelo brasileiro de desporto escolar, e nós conversávamos sobre isso com o Minotauro há pouco. Enquanto a nossa visão brasileira de investimento é em clubes, em associações, em federações, o americano investe no desporto escolar, na formação da criança já na escola, e isso dá resultados a eles, como comprovado nas Olimpíadas, que mostram a potência que são os Estados Unidos. Isso reflete uma diferença de mentalidade do investimento no desporto. E aí você coloca uma questão que não está superada.

Eu sou até o Relator do projeto que cria o Conselho Federal de Artes Marciais — CAM, ou não, nós estamos discutindo isso, e aí o Conselho Federal de Educação Física questiona: pode um professor de artes marciais dar aula para crianças sem ser formado em educação física, sem ter o conceito básico de fisiologia, enfim, conceitos básicos que também são necessário à formação e à educação na hora em que você vai dar aula? Isso é algo que nós discutimos nesta Casa, Minotauro. Nós vimos grandes atletas passarem aqui e dizerem que são grandes profissionais, terem um bom desempenho, mas não se sentem ainda preparados para dar aula a uma criança porque lhes faltam alguns conhecimentos que estão além das artes marciais. Esse é um conceito que estamos discutindo. *“Ah, mas a criança já está formada.”* Aí, basta o professor de artes marciais, ele já conhece... Mas, para aquela criança que não se sabe nem se leva jeito para o esporte, mas quer ser iniciada, talvez o conceito básico da educação física seja importante.

Essa é uma discussão que ainda está sendo feita nesta Casa, para que tomemos uma decisão adequada, e que garanta o bem-estar.

Vou dar um exemplo simples. Eu me matriculei numa academia de muay thai com minha esposa. A primeira aula se faz, embora o interessado seja iniciante, com pessoas que já estão num nível avançado. Eu fiquei observando. Não se faz um teste de aptidão física, não se sabe se o esforço que uma pessoa está fazendo é o mesmo que outra suporta, e tem que ser feito um trabalho. A primeira coisa que a pessoa tem que fazer é um *check-up*, para ver se tem condições de praticar a atividade e com que intensidade, porque nós estamos falando de pessoas com tamanho, peso e idade diferente. Então o ritmo de aula não pode ser o mesmo.



Há até um projeto nesta Casa, de minha autoria — quando fui Vereador em Aracaju, eu apresentei um projeto, e é lei hoje lá —, que obriga as academias de artes marciais a exigir atestado médico para que a pessoa possa iniciar a prática e para ver com que intensidade pode fazer o exercício. É uma preocupação que o Conselho de Educação Física também tem.

Eu coloco isso aqui, porque o senhor tocou no tema. Enfim, esses são assuntos que no fundo vão atingir a formação de crianças. Queremos formar o cidadão por via das artes marciais, por via do MMA.

Passo a palavra, agora, para o nosso Relator, o Deputado João Derly.

O SR. DEPUTADO JOÃO DERLY - Bom dia, Deputado Fábio Mitidieri, Presidente da Subcomissão do MMA; nossos convidados, queridos amigos Rodrigo Minotauro, Carlão Barreto e Célio René, que nos prestigiam nesta manhã.

Seguindo na linha do Deputado Fábio, e entrando num campo, podemos dizer, minado, acho que essa é uma discussão árdua, mas também um caminho interessante, pois eu não vejo a educação física conflitando com as artes marciais, até porque esse ponto ainda não está bem definido.

Eu acho que uma discussão importante a fazer é a da carga horária da educação física. O currículo também não está definido, e as artes marciais poderiam ser um grande complemento, principalmente pelas questões morais que as artes marciais nos ensinam. Inclusive, em 2005, quando me tornei campeão do mundo, em uma das minhas entrevistas — eu tinha muita vergonha, era uma pessoa muito tímida —, falei que um grande sonho era ver as lutas como modalidades esportivas inseridas na escola. Eu tive a oportunidade de, numa escola estadual, ter acesso ao judô, que foi um esporte que me ensinou tantas coisas, e muito do que sou hoje devo ao esporte. Acho importante aprofundar essa discussão, talvez no futuro.

Já houve discussão nesta Casa como proposta do Deputado Fábio Mitidieri. Acho que tem a relatoria de um projeto que trata sobre o tema, se eu me recordo bem. Penso que podemos aprofundar um pouco mais essa discussão.

Mas a questão em debate aqui é o MMA como esporte de inclusão social. Ainda existe a mística, por parte de muita gente, de que o MMA é um esporte extremamente violento. De fato, quando alguém vê uma pessoa sangrando em uma luta de MMA, acaba se escandalizando.



O processo inicial do MMA é diferente. Ele começou com treinamento profissional, e agora a intenção é entrar nas questões esportivas. Na última Comissão em que estivemos, nós o tratamos como MMA amador.

Como os senhores acham que se podem inverter essas questões? Há alguma solução para que possamos desmistificar isso? Seria através de regras diferentes? O Deputado Fábio falou: *“As crianças podem praticar MMA”*. Ou a iniciação no esporte deve vir através de outras modalidades, como jiu-jítsu, caratê, judô, muay thai, wrestling? A partir de qual idade pode-se começar a fazer o MMA? Eu acho que seria importante escutar a opinião de cada um.

Eu não sei se os senhores têm conhecimento sobre algum projeto social na área do MMA. Essa pergunta seria para o Kerrith, da IMMAF, mas infelizmente ele não pôde estar conosco.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Fábio Mitidieri) - V.Exa. fala do MMA internacional?

O SR. DEPUTADO JOÃO DERLY - Do internacional.

Há um gargalo difícil de lidar, que é a questão estrutural das escolas. Dados do Ministério da Educação indicam que somente 38% das escolas brasileiras, se não me engano, possuem quadra esportiva. Hoje o Gabriel, da Consultoria, não está aqui para nos ajudar; ele tinha esse dado precisamente.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Fábio Mitidieri) - A grande maioria não tem.

O SR. DEPUTADO JOÃO DERLY - A grande maioria das escolas do nosso País não tem; sem falar nas salas auxiliares, *indoor*, onde se podem fazer as artes marciais. Ainda destacamos a questão dos materiais, como tatames, quimonos, luvas.

Eu acho que o caminho deve ser esse. Essa é uma opinião pessoal. Queria ouvir a opinião dos senhores, a fim de saber qual o caminho a seguir para criar esses espaços e de fato, inserir nas escolas as modalidades das artes marciais. Depois a gente vai achar mais questões...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Fábio Mitidieri) - Isso.

Antes de passar a palavra a V.Exa., Deputado João Derly, a quem agradeço, eu quero passar a palavra para o Deputado José Mentor. Nós temos sempre que abrir o diálogo para os dois lados. O Deputado José Mentor sempre foi um crítico, e



nós, como defensor, temos que ouvir os dois lados para podermos fazer um debate salutar.

O SR. DEPUTADO JOSÉ MENTOR - Eu quero agradecer a V.Exa., Presidente Fábio Mitidieri. O Deputado João Derly é um estudioso do assunto e praticante, não é?

Eu tenho um projeto na Casa que proíbe a transmissão pela TV do MMA. Há muitos anos já vem sendo debatido esse projeto, e ele voltou a tramitar agora.

Desculpem-me, eu não pude ouvir a fala dos convidados. Eu só ouvi a última parte da colocação do Sr. Célio, mas peguei o sentido. Eu não sou contra a arte marcial. Pelo contrário, eu sou frustrado, porque eu não consegui fazer caratê quando eu tinha a idade para tanto! Na minha época, era difícil encontrar professor e, quando encontrava, era caro e eu não podia fazer. Então, eu tenho a frustração de não ter feito caratê na minha juventude. Acho que é uma coisa importantíssima a arte marcial.

A minha crítica ao MMA vem exatamente porque, primeiro, eu não considero o MMA um esporte, e até mesmo pela definição legal da Lei Pelé do que é esporte. A lei diz o seguinte:

“Art. 2º O desporto, como direito individual, tem como base os princípios:

.....
XI - da segurança, propiciado ao praticante de qualquer modalidade desportiva, quanto a sua integridade física, mental ou sensorial”.

Ora, não nós podemos dizer que o MMA dê segurança física ou sensorial... Não é possível, se o objetivo da luta é exatamente a agressão. Então, pelo conceito de esporte, o MMA não é esporte.

Segundo, MMA é *Mixed Martial Arts*, uma mistura de artes marciais. Se nós formos pegar... Eu tive contato com todas as confederações de artes marciais, e nenhuma delas, salvo o jiu-jítsu, defende o MMA. Porque a filosofia da arte marcial é exatamente o oposto: é o autocontrole, a não agressão, a disciplina. O MMA é contrário: é a agressão, e quanto mais rápido, mais forte, mas agressivo for o golpe, mais rápido vence a luta. Existem os golpes como socos sucessivos, cotoveladas



sucessivas, pontapés no rosto... Isso não é arte marcial! Por exemplo, como arte marcial, o judô proíbe agressões no rosto, o caratê proíbe, o *tae-kwon-do* também. Como pode ser arte marcial? Não é arte marcial.

A violência dos golpes é tamanha... E até melhorou porque eram mais agressivos ainda, anos atrás era até pior... Acho até que o debate sobre a violência fez com que amenizassem os golpes permitidos. Mas, hoje, há casos de morte no MMA, há casos de pessoas que estão tetraplégicas, paraplégicas.

Um lutador famoso quebrou tibia e fíbula, outro dia. Há quem diga: "*É uma normalidade*". Normalidade, não, aquilo foi um golpe permitido no MMA. Eu tenho filmes de quatro casos em que o golpe é o mesmo e o resultado é o mesmo: fratura de tibia e fíbula. Aquilo é um golpe: ou se machuca quem desferiu o golpe ou se machuca quem recebe o golpe! Aquilo não tem mistério: o golpe é dado ou para machucar e, se não for dado bem ou se for bem defendido, machuca quem deu o golpe.

E ainda é televisionado? Eu não sou contra a luta, quem é contra a luta é Nova Iorque. Nova Iorque não permite a luta. A França não permite a luta. É proibida a luta, e aqui nós estamos proibindo o televisionamento da luta. O pai que quiser levar a criança, pagar o ingresso dela para aprender a machucar os outros, não há nenhum problema, pode levar o filho para aprender isso. Agora, usar um canal de transmissão, de comunicação de massas, como é a televisão, que é uma concessão pública e cujo objetivo é exatamente o contrário, é educar... A legislação brasileira fala da televisão para o sentido oposto: para preservar os costumes, para preservar os valores da família etc. Usá-la para divulgar a violência? Ou para incentivar a agressão?

O Relator falou agora há pouco que impressiona o sangue. Não é só o sangue que impressiona, impressionam os sucessivos golpes, sangue depois de sangue. O cara está caído e continua apanhando...

No Brasil, há pouco dias, nós tivemos a discussão de proibir a vaquejada. Não é permitida a rinha de galo. Nem rinha de canário, nem rinha de cães. E um negócio parecido com rinha humana pode? Estou dizendo isso aqui com a maior franqueza possível. É uma coisa realmente insustentável, tamanho é o grau de violência.



Então, não é esporte, por um lado; nem luta marcial, por outra; nem mistura delas, porque junta o que há de pior e o que não pode! O que não pode no judô, não pode no caratê, pode no MMA, portanto, não é luta marcial nem *mix* delas!

É evidente que a televisão incentiva. Podem dizer: “A violência é barata e dá muito lucro”. Isso é uma verdade, agora nós estamos chegando a um entendimento! A violência é barata e dá muito lucro, para poucos! Dá muito lucro para pouco! Existem poucas pessoas que ganharam muito dinheiro com o MMA, com o sangue alheio.

Esse é o meu registro.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Fábio Mitidieri) - Eu agradeço ao Deputado José Mentor pela sua participação, e é justamente por entender que o pensamento de V.Exa. não é um pensamento isolado — existem algumas pessoas que pensam como V.Exa. —, e nossa função, como discordante, é justamente dirimir esse tipo de pensamento, esse tipo de dúvida.

Eu queria só fazer algumas correções, antes de passar a palavra: em Nova Iorque já permite a luta, e inclusive realizamos um evento agora recentemente.

A França permite a prática, não permite o evento ainda. A prática é permitida, inclusive o MMA desportivo e educacional está sendo implementado na França. O MMA como prática desportiva, com ensino e conceitos de artes marciais, sem obviamente aquilo a que se assiste no UFC porque ali é o ápice da luta, quer dizer, é a copa do mundo profissional. Não é amadorismo, porque, quando se vai fazer o educacional, deve-se ensinar apenas os conceitos de artes marciais.

Eu entendo a preocupação de V.Exa. com a questão da violência, mas o boxe, se formos pensar, é muito mais letal do que o próprio MMA. Caso de morte em MMA é raríssimo, no boxe há vários exemplos. As lesões no boxe são muito maiores, porque, quando no boxe se toma um *knockdown*, o juiz conta 10 segundos e espera a pessoa se levantar; a pessoa já está com a lesão ali, um pouco depois, toma novamente... No MMA, quando você abre e a pessoa está ali fora de ação, a luta é interrompida e acabou a luta. Não se dá o tempo de 10 segundos para a pessoa se recuperar. Então, embora você veja o sangue, o efeito da lesão é muito menor do que o que você vê no boxe ou até em outras modalidades.



O conceito de MMA é idêntico quando se fala em esporte de competição, em artes marciais de competição. Agora, quando a gente assiste apenas ao evento profissional do UFC, que tem esse impacto, tem que se criar uma forma de acabar um pouco com o preconceito.

Eu respeito e entendo a opinião de V.Exa., e acho muito importante que V.Exa. esteja aqui hoje colaborando com a divergência, porque é assim que a gente cresce! Se estivesse todo mundo aqui só para bater palma era difícil, porque você nunca conseguiria argumentar. A gente tem que ouvir os seus argumentos para que a gente possa, aos poucos, ir quebrando esse preconceito.

O SR. DEPUTADO JOSÉ MENTOR - V.Exa. me permite um contraponto, só de alguns segundo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Fábio Mitidieri) - Pois não.

O SR. DEPUTADO JOSÉ MENTOR - É evidente que o boxe é também uma luta violenta, mas ele tem proteções que o MMA não tem: as luvas com onças, golpes da cintura para cima... É muito diferente. Se nós transformarmos o MMA num boxe, acaba o interesse pelo MMA.

Segundo ponto, por que a TV não transmite luta ou um campeonato de caratê? Ou um campeonato de judô? Sabe por quê? Porque essas modalidades não têm a violência que o MMA tem. E não desperta o interesse e a atenção desse “*glamour*” — assim entre aspas — que o ser humano tem pela violência. E nos estamos estimulando o quê? De novo caímos no ponto: estamos estimulando a violência. Só existe o interesse pelo MMA por conta da violência, porque, senão, seria educativo... Eu defendo, por exemplo, caratê nas escolas, judô nas escolas; MMA, não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Fábio Mitidieri) - O conceito do MMA como esporte de artes marciais, como esporte de inclusão, como esporte educacional, que ensina apenas os movimentos, eu não vejo diferença nenhuma para o caratê. Isso para mim, eu Fábio, Deputado Fábio Mitidieri, mas respeito a sua posição.

Quanto à questão do estímulo à violência, eu não posso responder pelo canal de televisão. Vários canais de televisão a cabo transmitem os esportes de judô, de caratê... Transmitem...

(Não identificado) - Canal aberto também...



O SR. PRESIDENTE (Deputado Fábio Mitidieri) - A *Bandeirantes* transmitiu por muito tempo o *kickboxing também*. Eu acompanhava Paulo Zorello lutando pela *Record* e pela *Bandeirantes*.

Então, outras modalidades de artes marciais também são transmitidas. Agora, o que desperta o interesse da TV é a audiência, e a audiência é feita de interesse popular. Se a população tem mais interesse em assistir ao futebol do que ao vôlei, vai assistir o futebol e se transmite mais o futebol. E é assim com outras modalidades, não é diferente com a arte marcial. Se nas artes marciais o interesse maior está em assistir ao MMA do que ao caratê, porque é uma tendência mundial... E aí há um outro conceito que a gente fala que, se a sociedade gosta da violência, isso vem desde a época dos gladiadores ou de Aquiles, isso é um outro conceito social, educacional ou de formação. Mas não vejo a prática do MMA como estímulo à violência, até porque o conceito das artes marciais é do autocontrole, é da educação, é do respeito, é da formação do cidadão. Dificilmente se vê um profissional, ou um atleta mesmo amador, ou alguém que está inserido no mundo das artes marciais brigando no meio da rua, porque o conceito que ele aprende é outro. Pode ser que digam: "*Existe sempre divergência*"... Existe! Existe divergência na política, existe divergência nas lutas, existe divergência em qualquer setor da sociedade, e não é diferente no mundo das lutas, mas a gente sabe que o conceito ensinado nas salas de aulas das artes marciais é do respeito ao próximo, ao cidadão. Isso tudo ao ponto de se encerrar uma luta de MMA, Deputado, e o outro ir lá cumprimentá-lo e se preocupar com o outro para saber como está porque são colegas de trabalho, e eles se respeitam dentro do mundo da luta.

Agora, eu não vou falar só por mim. Eu tenho que ouvir também aquelas pessoas que convivem com a luta no dia a dia. Por isso que eu queria dar a palavra aos nossos...

O SR. DEPUTADO JOSÉ MENTOR - Vou passar às mãos de V.Exa. e peço que passe às mãos do Relator um dossiê que separamos nesses anos todos, que faz um resumo do que eu falei aqui agora há pouco. Vou trazer, mas não agora porque estamos atualizando um vídeo de 8 minutos que preparamos também, meu gabinete o preparou, que faz exatamente a ligação entre os golpes do MMA e notícias da imprensa televisada de violências na sociedade, como, por exemplo,



aquela famosa cotovelada que o namorado deu na namorada, que deixou a moça até hoje com lesões permanentes. Há vários casos em que os golpes do MMA são repetidos nas relações sociais. E vários casos de lutadores de MMA que são violentos na sociedade.

Eu tenho esse resumo, vou passar à mão do Relator o dossiê e, em seguida, faço chegar às suas mãos esse vídeo de 8 minutos para V.Exa. ter a oportunidade de ver.

Eu agradeço pela oportunidade. Muito obrigado, Sr. Presidente.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Fábio Mitidieri) - Eu que agradeço, Deputado. Acho que esse relatório será importante para enriquecer as informações que o Deputado João Derly tem.

Eu só quero ter um cuidado: que não tratemos a exceção como regra, para que não peguemos aquele que foge à curva do aprendizado das artes marciais como exemplo maior do que são as artes marciais. O mau exemplo nós temos em todos os setores da sociedade, mas é importante que possamos fazer a contradita, que possamos debater porque, se não existisse o debate, nunca iríamos crescer. É por isso que estamos aqui discutindo e eu agradeço a sua participação.

Com a palavra o Sr. Minotauro.

O SR. ANTÔNIO RODRIGO NOGUEIRA (Minotauro) - Eu queria falar justamente sobre os pontos que o Deputado falou. Eu não consigo separar o MMA da arte marcial. O MMA é uma mistura de artes marciais: o MMA é o caratê, é o judô, é o jiu-jítsu. Então a prática da arte marcial, se for curricular, em escolas ou em academias, não deixa de ser o MMA. Há lutador de faixa preta de jiu-jítsu que está preparando o currículo para ser um lutador de MMA.

A maneira como é visto o nosso esporte, as pessoas que entendem o nosso esporte, que procuram entender o esporte em vez de criticá-lo, quando se passa a entender o esporte, a ver o esporte... A maneira como é visto o esporte é o que diferencia isso.

Eu acho que precisamos, sim, criar um currículo do MMA. Se o MMA passar a ser educacional, é importante haver um currículo do iniciante, do intermediário, do mais avançado. Tem que haver um currículo, assim como há um currículo do faixa



branca do judô, do faixa azul, de todas as faixas. Tem que haver determinados números de golpes.

Eu digo que o MMA não é um esporte violento, mas, sim, um esporte extremo. Eu comparo o MMA ao surfe, como se o lutador de MMA fosse aquele surfista de onda grande, porque é um cara mais extremo, que se arrisca a lutar ou a surfar as ondas grandes. Um surfista normal é aquele praticante de arte marcial. Então para ele fazer aquele esporte, que é o surfe de ondas grandes, tem que estar extremamente preparado. Então não é violento porque todo atleta que pisa dentro do octagon está preparado, é examinado antes do evento para ver se ele tem aptidão física para poder lutar.

Quem escolhe os lutadores que vão a tal evento é o *matchmaker*, que geralmente é um cara preparado para escolher aqueles atletas que têm aptidão para subir ali dentro. E, no final da luta, quando a luta é interrompida, temos três juízes laterais e um juiz de centro, e podemos interromper a luta a qualquer momento, não é isso, Carlão, podem interromper a luta em qualquer momento. Se o atleta está tonto, para se recuperar, não. O (*ininteligível*) uma vez tomou um *knockdown*, ele caiu, se ele estivesse em golpe de risco, o juiz, sim, pode parar a luta em qualquer momento.

Acho que temos, sim, que cuidar bem dessa comissão de juízes ou de médicos, que é o exemplo da CABMMA — Comissão Atlética Brasileira de MMA, para poder cuidar do nosso esporte. Todos os eventos de MMA nacional deveriam ser inspecionados pela CABMMA, eu costumo falar isso porque temos que ter um órgão tanto de médico e juízes com regras e que sejam preparados para parar uma luta a fim de nenhum atleta do MMA sofrer um dano maior.

Mas acontecem acidentes. Falamos da tibia, do próprio (*ininteligível*) ter quebrado. Quantos atletas de futebol quebraram a tibia na temporada passada? Dez vezes mais do que no MMA, com certeza. V.Sa. me deu um exemplo de quatro casos. Olhem o futebol inteiro do ano passado. V.Sa. vai me dizer que o futebol é um esporte violento? Não é um esporte violento. Quando o cara está correndo com a bola e alguém o ataca por trás sem condição de defesa nenhuma... No MMA, ele está olhando de frente, ele tem condição de se defender, ele treinou mil vezes a defesa daquele golpe. Ele entra para lutar com outro que tem peso igual, eles têm o



mesmo nível técnico, não há diferença. O *matchmaker* nunca vai colocar um cara que já participou de 20 lutas para lutar com outro que nunca lutou, geralmente ele compara os currículos. E aqueles dois que estão frente a frente têm o mesmo currículo, geralmente é o que acontece, eles têm condição de defesa.

Então existe, sim, uma preocupação com a segurança do *matchmaker*, existe, sim, uma preocupação com a segurança dos juízes, tanto do juiz de centro, quanto dos três juízes laterais. Existe, sim, uma preocupação com a segurança do médico, que pode interromper a luta. Se o evento não tem essa estrutura, é de se discutir. Eu, Carlão e todas as pessoas do esporte prezamos isso para que acabe e esteja presente em todos os eventos de MMA nacional.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Fábio Mitidieri) - Tenho uma preocupação, Minotauro, dentro dos aspectos que fizemos — até porque fugimos um pouco do tema, que é a inclusão, mas é óbvio que foi importante nós sairmos um pouco desse assunto até para reforçar. Quero falar sobre as escolinhas de MMA de inclusão. V.Sa. tem um trabalho no Rio de Janeiro. Como é que funciona esse trabalho? V.Sa. conhece outros projetos de inclusão pelo Brasil afora? Peço que V.Sa. fale um pouquinho sobre essa realidade.

O SR. ANTÔNIO RODRIGO NOGUEIRA (Minotauro) - Nós temos, no Rio de Janeiro, a Escola da Vida, com 950 crianças praticantes em sete comunidades do Rio de Janeiro. Temos duas escolas no Complexo do Alemão, uma escola muito grande, em que há o maior projeto de lutas da modalidade MMA do Brasil, que é o Projeto Faixa Preta de Jesus, há quase 400 crianças praticando, é um projeto lindo. Eles me ligam pelo menos uma vez na semana me dando relato de crianças que largaram as drogas, o craque. Criança de 13 anos de idade que já largou o *crack*, a cocaína, através do MMA.

Então, nós conseguimos mudar a vida de muita gente através desse esporte. Temos um projeto muito legal também em Gramacho. Inclusive, divulgaram, no *Globo Esporte* da semana retrasada, matéria sobre uma criança praticante de judô do lixão de Gramacho.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Fábio Mitidieri) - Elas recebem um lanchezinho também ali?



O SR. ANTÔNIO RODRIGO NOGUEIRA (Minotauro) - Todas as crianças, após a prática do esporte, praticam uma hora e meia todos os dias, ganham lanche. Temos uma parceria com a Piraquê, porque eles recebem o lanche e o jantar, e com a Jandaia, que dá o suco das crianças. Então, muitas das crianças vão para se alimentar também. Conseguimos isso porque damos uma massa, macarrão, que eles levam para casa. Assim, eles conseguem ter, pelo menos, duas refeições diárias. Há a preocupação de que todas as crianças que estejam no nosso projeto tenham o atestado de escolaridade. Então, todo praticante de arte marcial dos projetos sociais tem que estar na escola e ele não pode praticar dois turnos. É um projeto bacana. Nós conseguimos mudar não só a vida social das crianças praticantes, mas a vida deles em casa. Então, temos um retorno muito grande dos pais.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Fábio Mitidieri) - Você falava que além da luta eles têm que ouvir uma palestra acerca dessa conscientização social, acerca dessa formação, que auxilia na formação do caráter, porque criança já vai ouvindo.

O SR. ANTÔNIO RODRIGO NOGUEIRA (Minotauro) - Então, damos o curso de formação de professores e temos reuniões mensais, juntamente com o curso de formação dos professores. Há um grupo de psicólogas, do Rio de Janeiro, que faz um trabalho chamado Reciclando Mentes, onde ensinam como o profissional de arte marcial vai abordar a criança.

Então, nós conseguimos trabalhar esse curso mensal com os professores. São 55 minutos de aula de arte marcial e 5 minutos de palestra do professor, que chamamos de Momento do Mestre. O mestre fala sobre disciplina, sobre luta, dedicação, temas que vão ajudar essas crianças. Então, é muito interessante esse trabalho e não deixa de ser um currículo. É um currículo para essas crianças.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Fábio Mitidieri) - Vai funcionar no verão? Durante o verão funcionará?

O SR. ANTÔNIO RODRIGO NOGUEIRA (Minotauro) - Como?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Fábio Mitidieri) - O projeto funciona o ano todo?



O SR. ANTÔNIO RODRIGO NOGUEIRA (Minotauro) - Não, nós paramos 2 meses no final do ano. O recesso é como o da escola, em dezembro e janeiro paramos o projeto.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Fábio Mitidieri) - Vamos formar uma Subcomissão para irmos lá.

O SR. ANTÔNIO RODRIGO NOGUEIRA (Minotauro) - Porque o professor quer férias.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Fábio Mitidieri) - Nós vamos fazer um requerimento, para esta Comissão conhecer o projeto.

O SR. DEPUTADO JOÃO DERLY - Nós temos que ir lá conhecer, ver de perto o projeto.

O SR. ANTÔNIO RODRIGO NOGUEIRA (Minotauro) - Perfeito, perfeito.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Fábio Mitidieri) - É importante registrarmos também, darmos esse exemplo aqui e passarmos aqui algumas imagens para vermos como é que funciona esse outro lado da luta. É o que eu falava e perguntava ao Carlão também — ele vai poder falar um pouquinho: como é que pode ser feito esse trabalho? É uma sugestão lá para o Canal Combate, para que também façam programas e imagens desse lado da inclusão.

O SR. ANTÔNIO RODRIGO NOGUEIRA (Minotauro) - Justamente. Temos um projeto, um programa no Canal Combate chamado *MMA Social*. Inclusive, já registramos a marca e futuramente vamos lançar esse programa mostrando a parte social, a preocupação da parte social do MMA. Já há esse projeto, esse programa em andamento. Queremos mostrar só projetos de artes marciais, não só de MMA, porque eu considero o MMA arte marcial, seja um projeto de judô, seja um projeto de caratê. Eu não consigo, João, diferenciar a arte marcial do MMA. Ele não deixa de sê-lo. O praticante de MMA é um praticante de arte marcial que luta todas as lutas, mas não tem essa diferença. O judoca é um praticante de MMA.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Fábio Mitidieri) - O maestro de música, o maestro pratica o judô.

O SR. ANTÔNIO RODRIGO NOGUEIRA (Minotauro) - Se ele pratica o judô e pratica o boxe, ele é praticante de MMA. Ele pratica duas modalidades. Eu acredito na junção das artes marciais.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Fábio Mitidieri) - Carlão, eu já falava disso. Imaginem a TV aberta ou a TV fechada, esses programas sociais, esse outro enfoque social e inclusivo dentro das artes marciais. Nós temos essa preocupação, porque o (?) lembrou, às vezes o enfoque é mais o financeiro — “*Tem que dar resultado, tem que dar lucro*”. E como mostrar o lado social?

O SR. ANTÔNIO RODRIGO NOGUEIRA (Minotauro) - Sem dúvida!

Primeiramente, quero agradecer ao nobre Deputado José Mentor, por estar presente aqui. Eu sempre eu quis conhecê-lo. Apesar de divergir das suas opiniões, mas eu sempre quis conhecê-lo, para um debate saudável, para o esporte. Eu acho que é muito salutar que V.Exa. esteja presente.

Vou aqui abordando alguns pontos até chegar a sua indagação. Em relação ao MMA não é esporte, eu discordo plenamente. Se formos ver o conceito de esporte, o MMA é esporte. Esporte tem que ter regras, esporte tem que ter um cuidado com a questão médica, e o MMA tem todos os predicados. Todos os requisitos necessários para ser um desporto o MMA tem. Talvez o nobre Deputado ainda não saiba, mas existe uma Comissão Atlética Brasileira de MMA no Brasil, em que há padrões, códigos, que geram as regras, nos protocolos médicos. Ou seja, o lutador profissional quando vai lutar em um evento ele passa por uma série de exames, que a maioria dos esportes não pede, para falar a verdade. O MMA pede exames muito específicos, para que haja uma preservação da integridade física do atleta.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Fábio Mitidieri) - Pela contundência, não é?

O SR. DEPUTADO JOÃO DERLY - Quais são eles?

O SR. ANTÔNIO RODRIGO NOGUEIRA (Minotauro) - Ressonância magnética, ressonância do cérebro, exame cardiológico. Há uma série de exames, que depois eu posso te enviar. Há também o exame de vista, que é um exame que ninguém pede. Ele é profundo. Não é um exame simplesmente de vista, como conhecemos. Também há uma série de outros exames, como do globo ocular, exames ósseos, para que haja realmente a certeza que aquele atleta tem condições de estar lutando no MMA.

Outro ponto importante é no que diz respeito às regras. São inúmeras as regras, os requisitos que existem no livro de regras, sempre procurando preservar a



integridade física do atleta. Hoje, por exemplo, existe, inclusive, uma preocupação maior com que o árbitro tenha mais gerência sobre a luta, para que ele possa realmente ajudar, proteger o lutador. Então, quando se fala em televisão, obviamente — V.Exa. colocou muito bem, Deputado —, existe uma demanda, existe um público que quer ver a luta, que quer interagir com os seus ídolos, que quer ver o esporte que mais cresce. Então, existe uma preocupação também na televisão, o Canal Combate. O Canal Combate fechou um convênio com a Comissão Atlética Brasileira. Todo evento transmitido pelo canal tem que passar pelo crivo da Comissão Atlética Brasileira. Todo evento tem que ter essa preocupação com os protocolos médicos e arbitrais, para que a plasticidade do esporte seja preservada e os atletas possam fazer o seu trabalho da melhor forma possível, resguardados pela comissão atlética, pelas questões legais.

Outro ponto importante, que o Minotauro já adiantou aqui: existe, sim, uma preocupação, no canal Combate, de inserir a sociedade na prática esportiva. Então, temos vários projetos de programas. Inclusive, MMA social, para que as pessoas tenham uma amplitude, uma visão maior do esporte. E o MMA, quando você pensa em UFC, nos eventos profissionais, ali já é o topo da pirâmide. Atletas já foram formados em sua modalidade de luta, já estão experimentados, treinados e as pessoas envolvidas estão treinadas, experimentadas, para que aquele esporte seja exercido.

Agora, a nossa missão é fazer com que o desporto seja fundamentado, através de MMA amador, através de cursos de formação, para que possamos preparar o treinador, preparar o professor e o atleta, principalmente, para a prática esportiva, para que ele tenha o entendimento das regras, para que ele possa, realmente, ter o entendimento de como o MMA está inserido na sociedade, de como ele tem que se comportar.

Então, é uma série de preocupações que nós temos. Iremos implementá-las, em 2017, através da Confederação Brasileira de MMA Desportivo, da qual faço parte. O irmão do Rodrigo, aqui ao meu lado, o Rogério Minotouro, é o Presidente dessa instituição. E estamos já trabalhando em prol do crescimento, do fomento do esporte, lógico, de uma forma muito, muito, muito atenta, responsável, porque sabemos que o atleta tem de ter a sua vida preservada, a sua integridade



preservada. E, principalmente, teremos a fundamentação das artes marciais sempre inserida em todo o nosso trabalho.

Então, dizer que MMA não é arte marcial é um pouquinho falta de conhecimento da matéria. MMA é arte marcial. Por que o MMA foi criado? Para se descobrir qual era o lutador, a modalidade de luta mais completa, aquela que conseguiria vencer a outra. E como no início era um confronto de artes marciais, é normal que houvesse mudanças. E, hoje em dia, com os anos passados, com as experiências feitas, o MMA está se consolidando como uma modalidade de luta, como bem colocou o Rodrigo, sendo que os atletas de judô, de caratê, de *kickboxing*, de *muay thai*, de jiu-jítsu, de boxe, de esportes de combate, têm que ter um treinamento adequado, para que possam se adaptar ao MMA. Não é, amanhã, um rapaz que faz boxe, treina boxe, de repente, vai ser jogado num *cage* para lutar. Isso não existe. Ele tem que estar preparado para isso. Ele é examinado. Ele tem um currículo, que nós chamamos de “cartel”, para saber o que ele já fez, com quem ele já lutou, se ele está preparado para entrar no evento C, B, ou A.

Então, existe uma preocupação muito grande não só da sociedade que pratica, da comunidade da luta, mas também dos meios de comunicação — da televisão, dos *sites* especializados, de todos os meios de comunicação. Para quê? Para que nós possamos passar a realidade desse esporte, como ele vem crescendo.

É lógico que eu não vou ser hipócrita e dizer aqui, nobre Deputado, que não há coisas a serem construídas, melhoradas. É lógico que existem. Existem eventos muito mal organizados, que não são gerenciados, geridos pela comissão atlética. São eventos caça-níquel, como acontece em outros esportes também. São eventos que não têm médico. Temos que coibir isso. É difícil, sem dúvida. Temos que criar comissões, temos que criar mecanismos, na verdade, conscientizar os atletas e treinadores para que não lutem nesses eventos, que são eventos que não vão melhorar em nada a sua qualidade atlética e profissional; pelo contrário: vão denegri-los como membros da sociedade esportiva.

Isso é uma questão educacional. Precisamos educar os atletas e professores. É muito difícil, porque muitos são oriundos de classe muito baixa, precisam ganhar dinheiro, e esses eventos acabam incitando-os a lutar, porque eles vão ganhar um



dinheirinho a mais. Então, eles têm que sustentar a família, vão acabar lutando. É uma coisa muito complexa a ser debatida. Mas a questão é educacional: você ensinar ao atleta que ele tem que saber em que evento ele luta, e o porquê de ele lutar.

Com certeza, aí teremos uma diminuição muito grande de acidentes ocorridos na prática de luta.

E o MMA, — só para terminar de responder ao questionamento do nobre Deputado — em relação à morte... Se ele for fazer um estudo, o dossiê dele está bem grosso ali, eu espero que tenha esses estudos comparativos com outras modalidades de luta e outras modalidades esportivas, porque se fizeram estudos, os acidentes fatais ocorridos no MMA foram muito pequenos. E digo, com toda a afirmação, sem medo de errar: foram eventos sem uma organização, sem um órgão que pudesse, realmente, cuidar da questão médica e da questão arbitral. Se eu não me engano, foram em eventos no leste europeu que aconteceram acidentes; eventos, realmente, que não tinham uma comissão cuidando deles, uma comissão fazendo uma gestão séria, responsável nos protocolos arbitrais e médicos.

Então, os árbitros fazem curso. Os árbitros são preparados. Para você arbitrar um evento de MMA você tem que ter um número “x” de lutas arbitradas, você tem que ter um trabalho benfeito durante a sua carreira, para que você possa ser colocado ali para mediar uma luta e proteger o atleta.

O MMA amador, o MMA desportivo, — prefiro colocar assim — ele vai vir, justamente, para fechar essa lacuna, para que nós possamos não só preparar os atletas para que eles tenham um entendimento do esporte e possam migrar para o profissional de uma forma mais sólida e saudável, mas também para que os árbitros e treinadores tenham condições de aprender, aperfeiçoar-se, para quando chegarem ao profissional sejam cada vez melhores, tenham uma excelência no que fazem.

Então, temos uma preocupação muito grande, realmente, com o futuro do esporte, na fomentação do mesmo, mas diante de quê? De um trabalho árduo, um trabalho onde nós temos que educar toda a comunidade da luta para que possamos fazer um esporte cada vez melhor.

E o canal Combate tem sim, essa preocupação. Tem a preocupação de fazer com que o esporte seja visto de uma forma mais saudável, uma forma melhor, pela



comunidade que o assiste. É um canal que vem crescendo cada vez mais. As pessoas vêm assistindo cada vez mais. Por quê? Veem a preocupação que o canal tem em educar o assinante, educar aquele que paga para estar ali assistindo a uma luta.

O próprio UFC tem essa preocupação. O UFC mesmo ensina, dá cursos para os próprios atletas de como se comportarem, uma série de detalhes importantes que, às vezes, passam despercebidos aos olhos do leigo, mas quem está inserido no meio sabe que existe uma preocupação. E é muito importante que estejamos aqui debatendo isso, para que essas preocupações sejam explanadas para toda a sociedade.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Fábio Mitidieri) - Antes de passar a palavra ao Dr. Célio, quero dizer que temos uma preocupação, Carlos, justamente, nesta Subcomissão. É que não temos como, e nem é nossa pretensão, mexer em regras do MMA, do esporte MMA, mas temos a preocupação de regular, minimamente, os eventos que são praticados no Brasil, para que tenhamos garantias de que eles assegurem a integridade do atleta, de que eles tenham a exigência, sim, desses exames todos que você colocou aqui hoje, de que haja uma ambulância no local.

O esporte, como o Minotauro colocou, é um esporte contundente, extremo, porque há contato físico. Contato físico há em várias modalidades. No futebol, você colocou bem, há muito contato físico. Há muita entrada por trás, muito carrinho que machuca mais do que muita luta. E se houvesse um *matchmaker* no futebol, os (*ininteligível*) não iriam para cima de um atacante de 1 metro e 60. No MMA a coisa é emparelhada pelo peso.

Então, eu entendo essa necessidade que temos aqui, até para combater o preconceito, que é natural que exista esse receio. O preconceito, quando eu falo aqui, é mais um medo, um receio que muitos pais têm de ver seu filho praticando um esporte que ele ainda não compreende, que ainda não tem uma aceitação natural, como já a tem o caratê — o Deputado já falou ali —, como já a tem o judô, do João Derly.

Agora, o MMA, se o nome já diz Artes Marciais Mistas, seria arte marcial. Eu falava há pouco: o maestro é um músico que toca vários instrumentos. Um atleta de



MMA é um atleta de artes marciais que tem conhecimento de várias artes marciais. Não deixa de ser um atleta, não deixa de ser um esporte.

Na minha ótica, o que temos de fazer aqui é um regramento para que os eventos possam ocorrer de maneira a garantir a integridade dos atletas, para propiciar um evento que possa corresponder ao que a sociedade espera, e que possa ajudar no crescimento do esporte MMA. Porque temos, sim, uma preocupação com os pequenos eventos que são feitos Brasil a fora, — eu não posso falar pelo resto do mundo — porque eles não têm uma certa preocupação. Às vezes, encontramos atleta que lutou semana passada lutando de novo, porque ele precisa, necessita, e aí as exigências são menores.

Se a CAB estivesse lá, a Comissão Atlética Brasileira estivesse nesses eventos todos do Brasil, seria muito bom. Não podemos obrigar que todo evento contrate a CAB, mas podemos obrigar que contrate uma entidade similar à CAB, que dê as garantias. E hoje isso não existe.

Então, há uma preocupação que saia daqui um relatório, uma proposta para que tenhamos uma ajuda do poder público no desenvolvimento do MMA como esporte.

Passarei, em seguida, a palavra ao Dr. Célio.

Dr. Célio, fizemos um questionamento a V.Sa. sobre como o Ministério do Esporte pode ajudar o MMA na ótica da inclusão. Eu sei que há um projeto lá que vocês estão implementando, e, coincidentemente, há um que nós implementamos em Aracaju, no Estado de Sergipe. Lá é Lutando pela Cidadania, e vocês estão implementando o Luta pela Cidadania, que é um projeto também, pelo que eu entendi, de inclusão do MMA e de arte marciais como um todo. V.Sa. poderia falar um pouquinho dele.

E essa visão um pouco diferente, da forma de se praticar o esporte no Brasil e no mundo, quando eu falava que o Brasil não investe em desporto escolar, investe mais no desporto através de clubes, federações, associações. E os resultados que colhemos são resultados bem inferiores aos de outros países, por ter uma ótica diferente, de não investir. E aí não é só o MMA, ou arte marciais, mas o conceito de esporte que nós temos de investir em clubes, muito mais do que em desporto escolar — seja qual for o esporte — na formação desse jovem.



E, ainda naquela pergunta, se existe a necessidade ou não — e aí vale para os três — de que todo professor de arte marcial que lida com crianças, basicamente até seus 10 anos, 12 anos, tenha que ter formação em Educação Física, na opinião do Ministério, na sua opinião, e na dos colegas.

O SR. CÉLIO RENÉ - Vamos lá, Deputado.

Agradeço-lhes as perguntas. Está bastante rico isto aqui, está muito bom!

E aí, peço só para comentar algumas colocações do nosso Deputado.

Agradeço-lhe a presença, Deputado. Acho que é muito bom termos oportunidade de dialogar, falar sobre esporte, falar sobre arte marcial. Inclusive, o senhor traz dados — acho que isso também é importante para irmos conversando. E, assim como o senhor, nós também, como cidadão e servidor público, queremos o melhor para a sociedade.

O senhor tocou em algumas questões. Uma delas relacionada ao conceito de esporte. Esse conceito é bastante discutido. Então, podemos buscar alguns momentos históricos, porque ele não teve sempre o mesmo conceito. Podemos ir ao que alguns autores consideram como esporte moderno, que vem ali do século XVIII, 1800, que surgiu na Inglaterra, e foi o esporte institucionalizado. Daí veio o movimento olímpico. E, nesse movimento olímpico, foi reconhecido como esporte a partir daquele momento.

Mas aí, nas décadas de 60 e 80, outros teóricos, uma outra corrente falou: *“Não, o esporte não é só isso, não é só o esporte institucionalizado; existe o esporte social, existe o esporte relacionado a tema de saúde”*. E esses conceitos vieram mudando.

Isso refletiu em nossa legislação. Refletiu na Constituição, e já foi um grande advento o seu art. 217. Ele reconhece o esporte como um direito de cada cidadão. E ele reconhece o esporte em diversas manifestações: o esporte de rendimento, o esporte de participação, o esporte educacional. E, mais recentemente, há o esporte de formação, que, na verdade, os teóricos ainda não entendem isso como uma manifestação esportiva.

Devido a essa evolução, esse conceitos, esses processos históricos, alguns teóricos, e muito bem recomendados, entre eles o Manoel Tubino, dizem que o esporte é um fenômeno sociocultural, que está em constante transformação



Ele acompanha essas evoluções sociais.

Então, às vezes, um conceito que utilizamos na década de 70, nós vamos mudando, e hoje isso está sendo muito discutido. Inclusive, o Senado Federal, há cerca de 2 semanas, entregou uma proposta em que modifica os conceitos do que é o esporte. Está sendo discutido, neste momento, o Plano Nacional do Esporte, em que também nós estamos trabalhando, o próprio Ministério. Eu também faço parte dessa comissão, em que estamos dialogando sobre qual o conceito de esporte que temos. Sabemos que ele interfere na sociedade, ele pode ter o seu valor educacional, ele tem valor econômico, tem a questão da saúde, ele tem tudo isso. E já temos a consciência de que ele é interdisciplinar, não é apenas do Ministério do Esporte; é do Ministério de Educação, do Ministério Trabalho, do Ministério do Desenvolvimento Social, do Ministério da Defesa.

Então, esse conceito é bastante amplo, bastante abrangente, do que vem a ser o esporte.

E aí, depois, o senhor também tocou na questão da violência, não é? E parece que o senhor tem um projeto em que apresenta a proibição de transmissão do MMA em grandes veículos, não é?

(Intervenção fora do microfone. Ininteligível.)

O SR. CÉLIO RENÉ - Pela TV.

E aí, Deputado, eu falo aqui também como educador. Eu sou professor, sou faixa preta de caratê, sou professor de Educação Física, e sou professor da rede pública de ensino há mais de 20 anos. Então, ministrei aulas em diversos colégios por onde passei.

E aí, parece-me, Deputado, se tivéssemos a certeza, se proibíssemos a arte marcial, a veiculação, a transmissão, e isso acabasse com a violência, pronto! Estaríamos aí... Ou se isso fosse significativo, isso representasse...

Então, nessas minhas experiências com os jovens, passei principalmente informação. O jovem, independentemente da nossa vontade — e aí temos diversas ciências que vão nos ajudar a descobrir por que o jovem tem aquilo. Inclusive, fisiologicamente, ele está em um processo de transformação. Ele está conhecendo uma sociedade. Ele está vendo, avaliando o que é a sociedade. Ele precisa disso, independentemente, de qualquer coisa. O jovem vai ter que pertencer a algo ou a



alguém. Ele precisa ter uma liderança. Ele vai ter que se sentir pertencente a um grupo.

Eu digo que, muitas vezes, a diferença que há entre uma gangue e, por exemplo, um professor e uma arte marcial é muito simples, é muito próxima. Essa é uma linha muito tênue. Na gangue, ele vai ter a liderança. Na gangue, ele vai pertencer a algo. Na gangue, ele vai ter um grupo. Ele vai se identificar com valores daquela gangue. Então, ele está muito sujeito a entrar nessa violência. Os outros, também, têm, mas os valores são diferenciados para quem tem essa formação.

No trabalho com esse jovem, ele quer se conhecer. Esse jovem, não adianta, ele vai querer se desafiar. Ele vai desafiar, faz parte. O senhor, talvez, tenha filho nessa fase que é muito delicada. Então, nessas escolas por onde passei, todas as vezes em que tive a oportunidade de trabalhar com esses jovens, que têm essa característica de serem pessoas bastante determinadas, pessoas, vamos colocar aqui entre aspas, “aguerridas”, isso para mim foi uma maravilha.

Nós falamos, então: poxa, venha cá, vamos conversar. E aí, quando temos no pátio da escola uma briga, chamamos os dois jovens e falamos: venha cá, qual foi o problema? O que vocês querem? E, a partir disso, nós começamos a transformar esse jovem.

Então, aquele mesmo garoto que teve uma orientação e uma canalização para aquela energia dele, porque hoje nós falamos que ele é um empresário agressivo, é porque ele teve a oportunidade. E lá atrás, talvez, aquele outro que seguiu outro rumo e virou até um bandido é porque aqueles elementos, aquelas características dele não foram bem orientadas.

A arte marcial, o esporte como um todo, então, possui essa ferramenta muito rica. Em um ambiente controlado, você consegue — e aí digo como professor — fazer com que as pessoas se conheçam e as pessoas se desafiem, mesmo com você tendo o controle daquele ambiente.

Eu não enxergo o esporte se não houver o objetivo da formação cidadã. O atleta é outra coisa. Mas o objetivo é formar o cidadão e, como praticante de arte marcial, também. Não vejo o menor sentido. Vou citar, por exemplo, as Artes Marciais Mistas — MMA. Você está dando uma aula ou um curso, não há sentido se



não houver a visão de uma formação cidadã. Esse é o único objetivo para o qual enxergo o esporte como elemento educacional.

Ali, volto a dizer, naquele ambiente, há condição de trabalhar que os jovens se conheçam. Nós vemos hoje uma sociedade em que o jovem sai de casa, briga com outro, dá um tiro, queima um índio. Isso é muito cruel. Por quê? Ele não se conhece, ele não teve a oportunidade de se conhecer. E, naquele ambiente controlado, com aquele sentimento, ele é capaz de se conhecer, ele é capaz de desenvolver o medo, a vitória, lógico, quando bem orientado.

E aí vem o outro lado. Nós entendemos que essa questão da violência é muito maior do que isso. Esse é um problema social muito maior. Então, nós queremos resolver isso só dessa forma eu acho que seja um pouco perigoso. Mas entendendo o senhor. E, por isso, acho que o seu trabalho tem uma validade muito grande.

Hoje — e aí vem o resultado a qualquer custo — como Estado, nós não podemos admitir isso. E aí vem a questão do lucro, a questão do dinheiro, do recurso ou de mal profissionais trabalhando na área. Nós temos que ver o que é possível fazer. Nós temos que, talvez, criar uma regulamentação. Como esse profissional vai atuar? Quem será o responsável por esse profissional?

Realmente, esse trabalho, essa visão que o senhor expõe é muito rica. Eu acho que há uma preocupação, mas não são essas mil maravilhas. Então, um praticante de arte marcial utilizar a arte marcial de forma equivocada, inclusive, agredindo as pessoas, é caso de polícia. Não podemos admitir isso. Temos que fazer com que as instituições enxerguem que não é só a vitória. O atleta que saiu daquele regulamento tem que ser punido, até para servir de exemplo. Então, acho que este debate é muito rico. Por isso, o trabalho do senhor tem uma valia muito grande. Acho que através do diálogo, da conversa, vamos chegar a um modelo melhor. Inclusive, como parte deste debate, depois, se o senhor quiser ir até o dojô fazer uma aulinha de caratê, para conversarmos, dialogarmos, vai ser um prazer. Acho que podemos contribuir para esse debate.

Sobre a questão do esporte escolar, nossa legislação no art. 217 reconhecia o esporte em três manifestações — esporte educacional, participação e rendimento. Depois passou a reconhecer como quatro. A questão da formação vamos deixar um



pouco de lado no momento, porque ainda não foi muito bem digerida pela comunidade científica o que seria esta manifestação.

Nestas três dimensões, o que diz a legislação sobre o esporte educacional? Ele não é competitivo, não pode haver uma hipercompetitividade; ele é para a formação cidadã; é preciso evitar ser seletivo. Estas são as características do esporte educacional. Eu posso interpretar isso de diversas maneiras, como o senhor ou como qualquer um aqui. Porém, o fato é que a legislação gerou uma polêmica de muitos anos; estávamos conversando a respeito disso ali na entrada.

Para alguns, o esporte competitivo, que seria a base do rendimento, não poderia acontecer na escola, porque o esporte educacional, pelo que diz a legislação, não entende dessa forma. Então, 15 anos depois, em 2013, veio a regulamentação da Lei Pelé. Na regulamentação da Lei Pelé, é a primeira vez que aparece o esporte escolar.

Alguns juristas consideram o esporte educacional em duas dimensões: o esporte educacional e o esporte escolar. O esporte escolar poderia ser realizado com talentos esportivos e poderia ter uma ligação com o esporte de rendimento. Só em 2003 nós tivemos isso. Para alguns, isso diminuiu o conflito, mas o fato é que em 15 anos como vai ficar o esporte escolar? Onde ele se encaixa? De quem é essa responsabilidade? Então, ficou este vazio e hoje está se discutindo o que vai acontecer. Para alguns, colocar a educação física na escola como a base do esporte de rendimento gera um conflito conceitual muito grande. Alguns consideram que a educação física é uma matéria pedagógica e deve estar atrelada aos conceitos pedagógicos da escola, pois cada escola segue um modelo de ensino. Há escolas que seguem o modelo de ensino direto; outras seguem o modelo indireto; outras, o modelo Piaget. Isso diz respeito ao modelo pedagógico.

Então, essas discussões acabam se refletindo na prática. Como eu disse, o esporte escolar só foi reconhecido em 2013. Ficou no nosso entendimento um vazio. Agora, o nosso Ministro Leonardo Picciani e nosso Secretário Leandro Cruz Fróes da Silva têm trabalhado para aproximar isso, para que consigamos desenvolver também nas escolas o esporte escolar. E o esporte escolar pode ser um *link* com o esporte de rendimento. Isso se dá apenas na escola? Não. Ele pode acontecer também em outros ambientes, mas ele pode fazer esse auxílio.



Além disso, há outras questões sobre as quais temos que pensar. Alguns consideram que o esporte escolar tem que estar voltado à formação cidadã e o esporte de base seria a base do rendimento. Então, faríamos o esporte de base, que não seria na escola. Eu, particularmente, não vejo como fazermos hoje uma mudança no esporte do Brasil se não estivermos atrelados à escola, mas temos que trabalhar a nossa legislação, temos que trabalhar algum conceito. Já estão sendo tratados o plano nacional de esporte e o Sistema Nacional do Esporte. Nesta Casa, há uma Comissão, da qual o Deputado João Derly faz parte, que está trabalhando essa matéria, porque, se conseguirmos evoluir, vai auxiliar no nosso desenvolvimento. Essa é a primeira questão.

O SR. DEPUTADO JOÃO DERLY - Só uma pergunta. A tua opinião é a de que não há conflito de rendimento com a educação física e o esporte na escola?

O SR. CÉLIO RENÉ - Temos correntes diferentes.

O SR. DEPUTADO JOÃO DERLY - Mas a tua opinião qual é?

O SR. CÉLIO RENÉ - Dificilmente coloco a minha opinião nesses debates devido à situação, mas vamos lá. Como o Deputado colocou, na condição de praticante de arte marcial, não consigo enxergar de forma diferente. Eu só consigo enxergar a prática da Educação Física, a prática da atividade física, a prática corporal se ela tiver a preocupação com o desenvolvimento humano. Então, para mim, algumas dessas teorias simplesmente... Se eu pudesse legislar, iria falar que não há. Independente disso, trata-se de formação integral. É lógico que, entre os que fazem parte desse universo e estão preocupados com a formação integral, alguns vão ser atletas, outros vão ser músicos, outros vão ser médicos. Para mim, essas divisões, em determinados momentos... Acho muito prejudicial separarmos a prática da atividade física. Entendo a Educação Física, ela tem o seu caráter pedagógico, que tem que estar atrelado, o.k., respeito, mas não enxergo de maneira diferente. Essa é uma opinião pessoal, mas respeito as diferentes correntes. Não sei se vamos conseguir chegar a um acordo no Brasil, há muita polêmica quando discutimos com esses dois segmentos. Talvez tenhamos que encontrar modelos em que todos se respeitem para que consigamos trabalhar o esporte dessa forma na escola, mas também entendendo que é possível que na escola haja um *link*, por exemplo, com o esporte de rendimento.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Fábio Mitidieri) - Interrompendo sem querer, mas já interrompendo, a questão do desporto escolar, quando se coloca apenas como ensinamento, mas não como competição, também não funciona.

Onde eu fui criado havia jogos infantis, jogos estudantis, jogos do interior, jogos da primavera. Compete-se a vida inteira. Acho que temos que aceitar isso e trabalhar isso muito bem na formação da criança, porque ela vai ter que aprender a ganhar e a perder, vai ter que aprender a lidar com a vitória e com a derrota, mas vai ter que sair sempre superior no sentido de reconhecer que alguém a derrotou e de ter a humildade de saber que ganhou porque, em determinado momento, estava melhor, mas que amanhã poderá perder. Saber trabalhar com a vitória e a derrota é importantíssimo na educação. Muitas vezes, na escola, o professor de Educação Física oferece uma bola e deixa todo mundo correr sem sentido nenhum de competição, sem se preocupar com o time que ganhou ou que fez mais gols. Isso não funciona, porque isso não prepara para a vida. E nós competimos em tudo nessa vida — eu, o Deputado José Mentor... Para chegar aqui eu participei de uma concorrência, uma eleição. Um promotor tem que fazer um concurso público, que é uma concorrência. O professor, para trabalhar numa escola... Por tudo na vida se compete.

O conceito de competição, se entendermos que é necessário desde a formação, é muito importante, mas saber ganhar e saber perder é um diferencial que, muitas vezes, não é trabalhado, porque é aquela coisa genérica do “*Vamos lá!*”, de qualquer forma. Isso não vinga. Sob a minha ótica, é um conceito que não podemos abraçar.

O SR. ANTÔNIO RODRIGO NOGUEIRA (Minotauro) - Eu acho que o esporte e a educação, quando andam juntas, geram grandes resultados. Estamos fazendo um programa sobre artes marciais no mundo inteiro e passamos por seis países. Estivemos na Rússia, onde visitamos a maior escola de sambo, que é o esporte nacional da Rússia; fomos à Tailândia, para visitar os quatro maiores centros de treinamentos do muay thai tailandês; passamos por Tokai, no Japão, onde está um dos maiores centros universitários do Japão. Vemos que todos esses lugares que têm esporte e educação juntos o resultado é bem maior no esporte.



Eu acredito muito que a competição dentro do esporte ensina a criança que, se ela trabalhar mais, terá maior resultado. Então, de certa forma, o esporte de contato prepara o jovem para o mercado de trabalho. Se o jovem pratica mil vezes aquele golpe ou se pratica duas horas, o outro que pratica uma hora tem uma desvantagem.

Então, ensina, realmente, que o trabalho dá resultado. Pude ver isso, sem dúvida, em todos os países que visitamos, e acabei de voltar, agora. Eles treinam de criança a jovem, e isso é muito bem ensinado na prática, e o caráter muda muito.

Eu tive a oportunidade de treinar no centro olímpico da Tokai, onde estivemos no tatame com três campeões olímpicos de judô — 2 eram medalhas de prata. Realmente, a disciplina e a educação que eles têm dentro do tatame é uma coisa que deveríamos ter como exemplo no Brasil. Deveríamos ter universidades que investissem no esporte.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Fábio Mitidieri) - Eu queria complementar, Deputado José Mentor.

Eu estava lembrando aqui que sou Relator de um projeto que é muito amplo, e um de seus conceitos é diferenciar esporte, dança, arte e filosofia.

Aí vem: O aikido é uma filosofia? A capoeira é uma dança ou um esporte? Muitas vezes, ela é as duas coisas. Aí se começa a entender. É preciso estudar um pouco da filosofia de cada esporte. Em alguns momentos, ele é um pouco de tudo. Temos a capoeira como dança, mas temos a capoeira competitiva.

Aí se começa a mudar os conceitos educacionais, esportivos e a compreensão de que, em alguns momentos, um esporte pode não ser esporte, pode ser um instrumento de socialização. E existem outros esportes que fogem a compreensão, mas que são esportes. A evolução do esporte radical crossfit é uma realidade hoje, e é um esporte difícil de compreender, muitas vezes: a pessoa se pendurando em coisas, descendo, mas é esporte.

Então, os conceitos, como tudo na vida, vão evoluindo, e o esporte também foi evoluindo. Eu não entendo o montanhismo. O cara fica pendurado numa montanha. Para quê, meu Deus? Mas ele está lá e é esporte. Eu respeito muito o cara que está lá pendurado. Deve dar uma sensação de liberdade maravilhosa. Mas, imaginem, um cara do meu tamanho, gordinho, pendurado numa montanha, cai na



hora (*risos*), não tem como ficar de pé lá, e, se cair, fica difícil o negócio. Quem ficar embaixo que se segure.

É preciso que se abra muito a mente para compreender tudo que está acontecendo, a evolução das coisas e os conceitos. Era uma situação até de conceito, não é Célio? (*Pausa.*)

Pode continuar.

O SR. CÉLIO RENÉ - Continuando aqui. Realmente, essa questão do conceito está em constante transformação. O desafio que nós temos muito grande hoje são os jogos digitais, os jogos virtuais, porque, para o jovem, ele está praticando esporte, ele entende isso como esporte. Os veículos de comunicação entendem os jogos virtuais como esporte. Se você vai a um determinado local, a parte esportiva é que está convidando. É uma realidade. Como é que vamos enfrentar isso? É uma discussão que temos que ter: como é que vamos tratar? O jovem está em um mundo que já é este, e aí vai ser um desafio: como é que a vamos...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Fábio Mitidieri) - Interrompendo, o xadrez. O xadrez é um esporte também. Não é físico, mas é um esporte também.

O SR. CÉLIO RENÉ - O xadrez. Certo. Então, são todos esses desafios.

Mas agora respondendo a algumas perguntas sobre o esporte escolar. Acho que o esporte escolar tem um valor educativo. Acho que na competição, e aí a arte marcial já é uma competição, já no primeiro dia é uma competição, é uma disputa, ela tem um valor pedagógico muito rico, é a maneira como você vai trabalhar. Porém, eu até respeito qualquer opinião, mas respeito muito a reunião de outros que colocam que a competição apenas, só pelo resultado, isso nós temos que estar bastante atentos. Não é só o resultado que interessa, não é só o título, não é a qualquer custo. Senão, o cara vai lá dopa o atleta, coloca isso, e que valor tem isso?

Então, acho que o Estado, as leis, também têm que ter essa preocupação. Não podemos apenas ter o resultado. Então, acho que é uma reflexão que merece sempre que estejamos sempre estar atento.

Dos Ministérios da Educação e do Esporte nós estamos fazendo essa aproximação. V.Exa. tem razão quando coloca... Bom, fica para lá, e de quem é esta responsabilidade? Por isso é que eu acho que tem que estar mais próximo, as



legislações podem auxiliar. Mas aí os gestores... Já que o Brasil fez esse modelo... Em muitos locais, não, o Ministério da Educação é que cuida do esporte. Então, um cuida do outro. Aqui é muito separado. Quando você vai para os Municípios, então, é Município do Esporte, Turismo, Trabalho e Desenvolvimento Social. E vira uma confusão danada.

Mas acho que o Plano Nacional do Esporte diz: o esporte que nós enxergamos é esse e nós queremos chegar dessa forma. Vai auxiliar nesse trabalho e nessa aproximação com o Ministério da Educação.

V.Exa. falou também da luta pela cidadania, também, que o Ministério do Esporte lançou. Até o lutador de UFC, Minotouro, esteve aqui e foi bem bacana.

Foi o reconhecimento desse valor pedagógico as artes marciais. E o que o projeto basicamente implementa? São desenvolvimento de até quatro núcleos, em determinado local, em que você vai ter quatro profissionais de diferentes artes marciais.

Nós não entramos no mérito disso, porque é muito complicado, de qual arte marcial vai ser. Não. Ele vai ter um reconhecimento, se vai ter um de MMA. Para o Ministério ele é um esporte de luta, um esporte de combate. Então, ele vai ter. Só que esse professor que estará lá, e já vou entrar em um outro debate aqui, ele vai ter que ser reconhecido por uma instituição, uma federação, uma confederação que reconheça esse profissional para ministrar essas aulas.

Então, essa é a forma que o Ministério desenvolveu esse projeto, havendo uma aceitação muito grande. Então, nós fizemos um edital público e a...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Fábio Mitidieri) - Desculpe-me. O Ministério exige que ele tem há o CREF?

O SR. CÉLIO RENÉ - Não. E aí vai ser uma outra discussão. Nós não entramos nesse detalhe. Nós reconhecemos que a modalidade vai ser proposta pelo Município ou pela Secretaria de Esportes, ele apresenta os profissionais e a modalidade que quer desenvolver.

Então, o que é arte marcial? Nós colocamos: luta, espaço de combate ou arte marcial. E aí em nossas exigências vai ter que ter uma entidade que seja o responsável por esse professor.



E aí vamos nesse debate. O professor que ministra a aula para, principalmente, crianças de jovens tem que ter o curso de Educação Física? É bastante polêmico. Temos aí diversas questões.

Um argumento que tenho colocado nessas discussões é que, hoje, se pegarmos o nosso currículo de Educação Física como ele é feito, esse profissional não vai ter capacidade se ele não tiver vivenciado uma experiência nas artes marciais, uma formação em arte marcial, porque o currículo não permite que ele se desenvolva para dar aula de arte marcial.

E aí aquela colocação que eu fiz diferente: as nossas academias, hoje, reconhecem e estão muito baseadas no modelo europeu de conhecimento. Aí nos vamos ter lá: Sociologia, Filosofia. É muito bacana e muito rico. Mas a arte marcial tem outros elementos que são muito ricos. Um dos elementos da prática corporal, principalmente das artes marciais orientais, e aí você vai ver toda construção dessa, você vai ter que ir lá no código do samurai, vai ter que ir no Budô, como é que foi formado isso, e que tem uma influência, de certa forma, em nosso País hoje.

Essa formação é muito na prática. E aí, por isso é que eu digo que essas outras ciências nos vão auxiliar, e muito, a Sociologia, a Antropologia, de você ir para o dojô, você saber, todo o dia você se desafiar, testar-se, ter medo, vencer. A arte marcial trabalha isso constantemente, e, por isso, ela vem desenvolvendo uma série de questões que vão estar muito atrasada que é a questão filosófica.

E aí se formos para esse debate, por exemplo, se formos falar sobre a origem da arte marcial, por exemplo, o nosso Jiu-Jitsu brasileiro, que hoje é reconhecido, mas com certeza ele teve uma influência muito grande da arte marcial oriental: as faixas, a graduação, a maneira, o controle. Essas práticas vêm com toda a filosofia do budismo, do xintoísmo, que vêm incorporadas a nossa cultura, seguem uma outra característica, mas são elementos que a nossa Educação Física, simplesmente, não enxerga esse conhecimento.

Então, hoje, é muito difícil, da maneira em que está hoje a Educação Física para ela entender esses conceitos da arte marcial, nós teremos que buscar outros elementos para que consigamos entender essa arte marcial.

Então, é uma discussão polêmica, nós temos que amadurecer, mas hoje a Educação Física não estaria, de forma adequada, apropriada aos conhecimentos da



arte marcial. Ela desenvolve todo o seu sistema numa característica muito peculiar. E aí, por exemplo se você pegar os lutadores de MMA, é lógico que eles tiveram, a grande maioria, origem em artes marciais, jamais tradicionais. Eles incorporam esses determinados conhecimentos, mas, por si só, a prática do desafio do homem com o homem ele provoca uma série de conceitos. E aí nós temos que buscar em outras ciências, além da Educação Física, para explicar porque ela é diferente, porque ela se forma de maneira diferente.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Fábio Mitidieri) - Eu questiono no sentido de que é um somatório de conceitos. Mas eu lhe pergunto: a ausência do conceito da formação da Educação Física não chega a ser impeditivo, em algum momento, na formação de criança? Essa é uma preocupação que lhe estou fazendo porque eu estou ouvindo muito, e a pressão que recebemos no relatório, e o Deputado João Derly acompanhou, é forte nos dois lados: aqueles que compreendem que não se necessita ser formado em Educação Física. Não é um professor de Educação Física que vai ensinar melhor do que o João Derly como é que se pratica o Judô. Não é isso que eu quero dizer. Mas, talvez, durante a sua vida como atleta você não tenha tido, pela falta de necessidade obviamente, a prática com coisas básicas da fisiologia de uma criança, de ensinamentos, de coisas simples que você aprende em uma universidade, e que vão complementar e enriquecer tudo aquilo que ele já conhece.

E, de repente, o resultado... Eu me preocupo não com o jovem já formado, eu me preocupo muito, assim, com aquela criança que não tem muito jeito, que, às vezes, está ali e tem uma queda diferente, com um movimento, quer dizer... Como funciona? Como se trabalha isso? O atleta é formado para competir, independente do esporte.

O SR. CÉLIO RENÉ - Eu acho que temos de ter essa preocupação. Vamos chamar agora esses *dojos* de escolas.

Então, nós temos o caratê. Por exemplo, eu vim de uma escola onde eu tinha um professor de arte marcial. Tive a oportunidade de trabalhar com ele. Ele era sempre preocupado com a formação. Ele não era professor de Educação Física. Ele inclusive é consultor da Casa, é um sociólogo muito respeitado, especialista em violência pública, mas não é professor de Educação Física. Eu comecei a treinar



com ele aos 8 anos de idade, passei 10 anos treinando com ele, depois virei atleta e competi por diversas equipes, e ele sempre teve a preocupação da formação cidadã, e aprendi na escola dele a maneira como eu trato os meus alunos na aula de caratê.

Eu comecei a dar aula de caratê antes de ser formado em Educação Física. A universidade, com certeza, soma. Não temos dúvida: quanto mais conhecimento tivermos melhor. Agora, o que estou dizendo é que a Educação Física não está preparada para formar um professor de arte marcial da maneira como ela enxerga hoje. Agrega? Com certeza.

Então, a minha preocupação, por exemplo, é a seguinte: no Diagnóstico Nacional do Esporte saiu que no Brasil há mais lugares para a prática do judô. Uma das razões do nosso sucesso está aí, mas, com certeza, grande parte desses professores, desses mestres de judô, não é professor de Educação Física, mas o judô conseguiu, na minha opinião, manter uma tradição, uma linha de conduta muito interessante.

Então, o faixa preta de judô, normalmente, traz consigo diversos conceitos que têm uma hegemonia muito bacana. Precisamos começar a trabalhar com as instituições. Temos de prepará-las, capacitá-las, junto com federações, confederações, e promover esse debate, trazendo também os conhecimentos da educação física.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Fábio Mitidieri) - Talvez um curso ou alguma coisa.

O SR. CÉLIO RENÉ - Um meio-termo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Fábio Mitidieri) - Um meio-termo, porque eu recebi professor faixa preta de caratê que disse: *“Olha, eu sei competir, mas eu não me sinto preparado para dar aula para criança, porque existem conceitos que eu não domino”*.

Então, levamos isso em consideração, mas é claro que há professores que nem sempre são formados em Educação Física. Todo mundo aqui que participou de uma aula de arte marcial pegou professor que nem sempre é formado em Educação Física, porque o conhecimento do judô, do caratê, de que luta seja, não se consegue numa aula de educação física, mas complementaremos de alguma maneira, e aí complementar e obrigar são coisas distintas. Essa é a nossa preocupação.



Tem a palavra o Carlão.

O SR. CARLOS EDUARDO BARRETO DOS SANTOS - Só reforçando o que o Dr. Célio falou em relação a isso, hoje, o modelo da Educação Física no Brasil não consegue, não tem capacidade de fazer uma gestão saudável das artes marciais. Ele não tem capacidade, mas eu entendo também que alguns professores que foram grandes atletas, grandes competidores não se prepararam para ser grandes professores. Eu creio que o ideal é criar cursos de gestão, em que possamos ter algumas matérias, algumas disciplinas que façam com que esses professores, essas faixas pretas possam aprender como lecionar, como identificar crianças com problemas, que eles possam, realmente, usar todos aqueles anos de treinamento, qualidade técnica adquirida em ano de competição, de iniciação, a base filosófica das artes marciais, para usar como ferramenta educacional.

Estamos desenvolvendo esse trabalho na Confederação Brasileira de MMA Desportivo. Ano que vem, iremos fazer um curso pela Confederação, é um curso embrionário, é um projeto que temos justamente pensando na formação de treinadores de MMA, para que eles possam ter o entendimento da parte psicológica, da parte fisiológica e da parte educacional.

Então, já estamos com essa preocupação, no que tange ao MMA amador.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Fábio Mitidieri) - No futebol, acontece isso. Quem é um ex-atleta faz um curso de técnico, para ser técnico.

O SR. CARLOS EDUARDO BARRETO DOS SANTOS - Exatamente.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Fábio Mitidieri) - Talvez, esse curso pudesse ser uma parceria com o CONFEF, porque aí já haveria um pouco de legitimidade.

O SR. CARLOS EDUARDO BARRETO DOS SANTOS - Seria um grande prazer. Estamos abertos a discussões e a conversações, queremos agregar. É importante relatar isso aqui, usando este canal, para explicar uma coisa. Nós não queremos ser os donos do esporte de forma alguma, não existe o eu, o que existe somos nós. Nós queremos que o MMA seja um esporte consolidado em todas as suas instâncias, na parte profissional, na parte amadora, na parte educacional e escolar. Para isso, não podemos ficar esperando o Estado. A sociedade civil tem que colocar a mão na massa, tem que fazer e acontecer.



Então, por meio da instituição que criamos agora, iremos fazer um curso de treinadores, não será o melhor curso possível, mas é o primeiro para que haja um crescimento gradativo de pessoas, outras pessoas podem vir e agregar valor, o CONFEF, os CREFs, para que possamos realmente fazer um curso sólido para o futuro. Iremos fazer um curso em que tentaremos ajudar cada vez mais os professores que não têm uma qualidade técnica compatível com o que o esporte precisa para formar novos atletas.

Estamos tentando agregar psicólogos, educadores físicos, preparadores, fisiologistas, para que eles possam juntos formatar uma grade curricular e fazer um curso, pode ser um curso de 4 semanas, de vários módulos, de 6 meses. A ideia é de fazer esse curso a partir do meio do ano que vem. Estamos conversando com várias pessoas, são várias cabeças pensantes do meio, para que possamos oferecer o curso de Artes Marciais Mistas para as pessoas que realmente querem trabalhar de forma séria no esporte.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Fábio Mitidieri) - A sugestão que dou é de se fazer a parceria com o CONFEF, para diminuir um pouco a briga que existe por conta de quem é que está apto para ministrar aulas. De repente, um ex-atleta sabe muito mais de artes marciais do que um professor de Educação Física.

Mas o complemento do curso de Educação Física, na parte que falta ainda ao atleta em conhecimento, seria muito importante. Poderia ser um curso de 6 meses, um ano, não sei, com a chancela do CONFEF, seria uma força maior para legitimar isso e uma conquista das artes marciais como um todo.

Tem a palavra o Minotauro, depois, será o Deputado.

O SR. ANTÔNIO RODRIGO NOGUEIRA (Minotauro) - Nós temos uma rede de academia no Brasil, a Team Nogueira, com 28 unidades. Temos 13 mil alunos, sendo 5 mil crianças praticando Artes Marciais Mistas, todas as artes marciais. Tínhamos uma preocupação muito grande, quando abrimos a rede, de meados de 2012 para 2013, de só ter professores com formação em Educação Física. Fizemos alguns convênios com algumas universidades do Rio de Janeiro e de São Paulo, a exemplo da UNISUAM, no Rio de Janeiro; mas deixamos a desejar no nível técnico da luta.



Então, aquele cara que demora seus 8 a 10 anos para pegar uma faixa preta ainda tem que passar por cinco anos numa universidade, e, se pensar, a gente vai falar em 13, 14 anos para ele se formar; e sempre vai demorar mais.

Então, a gente começou a criar cursos para professores que não são de educação física, com fisiologistas, com mestres de educação física, para que ele tenha um básico, e a gente fez um curso de quatro finais de semana. A gente criou um currículo básico, ele não vai sair formado professor de educação física, mas a gente vai dar um curso básico de alimentação, exercícios, alongamentos, uma forma de treinamento cuja matemática a gente conseguiu encaixar num curso de somente quatro finais de semana. Mas pelo menos aquele cara não vai entrar na academia, como você deu o exemplo da sua esposa, e não vai te forçar nas suas primeiras aulas. Então, a gente tem um curso básico disso aí, e isso ajudou muito na formação dos nossos professores da rede.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Fábio Mitidieri) - Então, essa é a preocupação que a gente tem, de que para fortalecer ainda mais a prática de artes marciais, que aliás vêm crescendo nas academias de saúde.... Você vai a uma academia de ginástica, hoje, todo mundo tem aula mesclada de boxe, kickboxing, muay thai, isso está muito em voga nas academias. E, aí, na academia, com a finalidade é outra, manutenção do preparo físico e não arte marcial, lá é todo mundo professor de educação física. Aí, quando você vai para a academia de arte marcial, o enfoque já é outro: é a arte marcial, mas o conceito básico da educação física já tem que estar lá presente.

Por isso que eu sugeri que esses cursos tivessem também uma chancela, porque isso vai fortalecer ainda mais o MMA e as artes marciais como um todo, quando você tem essa chancela. Por exemplo, *“eu sou faixa preta, mas eu fiz um curso lá”* — que vocês podem chegar a um acordo, seis meses, um ano, sei lá — *“e hoje eu tenho uma carteira no CONFEF que me dá esse know-how de dizer que é um professor habilitado, nesse sentido, mas pela parte educacional e fisiológica”*.

Com a palavra o Deputado José Mentor.

O SR. DEPUTADO JOSÉ MENTOR - Eu queria me aproveitar um pouquinho mais da benevolência de V.Exa. para polemizar em alguns aspectos e chegar numa conclusão. Porque eu acho que essa discussão que eu introduzi aqui tem um efeito



diretamente ligado ao tema da inclusão que se discute, porque nós vamos querer incluir em quê? Na violência? Não. Então, por isso que eu vim propor, vim discutir dessa maneira.

E quero só resgatar o seguinte: quando eu apresentei esse Projeto em 2009, o MMA não era esse negócio todo que é no mundo, não era isso aqui, era Rede TV; depois que veio para a Globo. Então, ninguém fez isso aqui para botar melancia, para aparecer. Eu fiz aquilo por uma preocupação real mesmo, porque eu assisti numa chamada de uma luta um lutador que virou o outro de ponta-cabeça, pelos pés, e batia com a cabeça do sujeito de tatame com se fosse uma mão de pilão. Aí, eu falei: *“Não é possível uma coisa dessas.”*

O SR. PRESIDENTE (Deputado Fábio Mitidieri) - Mas V.Exa. acha que isso evoluiu?

O SR. DEPUTADO JOSÉ MENTOR - Não. Já está proibido. Hoje, não pode mais, porque a coisa evoluiu. Até o debate como faz aqui diferença: a cotovelada não pode ser mais de um jeito, etc. Porque a discussão está levando à civilização.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Fábio Mitidieri) - Quando V.Exa. era mais jovem existia o vale-tudo.

O SR. DEPUTADO JOSÉ MENTOR - Começou no vale-tudo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Fábio Mitidieri) - Aí, valia tudo.

O SR. DEPUTADO JOSÉ MENTOR - Presidente, o MMA deriva do vale-tudo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Fábio Mitidieri) - Mas foi evoluindo.

O SR. DEPUTADO JOSÉ MENTOR - Então, é isso que eu estou falando. E eu quero fazer a discussão para evoluir mais.

O Popó outro dia aqui, num debate, falou: *“tinha que acabar com essa cotovelada”*. Se isso ocorre, acaba com tudo, pois se acabou o pontapé, acabou o MMA. Eu estou lhe falando aqui, radicalizando. Eu falei para o Popó: *“Popó, acabou a cotovelada, acabou o pontapé, acabou o MMA”*.

O karatê, V.Exa. é professor de Karatê, tem golpe letal. Agora, numa competição de karatê ninguém dá o golpe letal. Esse é o debate que eu estou fazendo. Na esgrima, o camarada que vai ganhar não precisa furar o outro para ganhar a luta de esgrima, e é um esporte.



Bom, quando eu propus isso aqui... Eu tenho um filho que é professor de educação física, eu tenho um genro que é faixa preta de jiu-jitsu, dono de academia. Eu pensei que eu fosse ficar sozinho. Eu fiz porque era uma coisa que me atacou muito. Eu vi a cena do sujeito imobilizado na tela, que tomou doze cotoveladas no rosto, até sangrar por tudo quanto é lado, jorrando sangue — é uma questão humanista, com toda franqueza. Eu estou lhe falando com toda a sinceridade aqui.

Eu pensei que eu fosse ficar sozinho. O meu filho... Hoje eu não estou mais sozinho. Todas as enquetes que fizemos nesse período todo, o Ratinho fez, não mais quem fez, dá metade/metade. Metade aprova e metade desaprova o Projeto. Então, metade defende o Projeto e metade o ataca. E ele não tem a pretensão de acabar com a violência na sociedade, porque ainda há os ramos da vida, os filmes, as guerras, infelizmente. Bom, eu disse, a violência é barata é faz lucro, ganha dinheiro. Ele não tem essa pretensão. Agora, ele tem a pretensão de evitar que um meio de comunicação de massa, com a televisão, propagandeie a violência — isso tem e isso é o objetivo dele.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Fábio Mitidieri) - V.Exa. só não quer a transmissão.

O SR. DEPUTADO JOSÉ MENTOR - Só a transmissão. Pode continuar a luta, não tem problema algum. O pai quer levar o filho para fazer, vai treinar, não tem problema alguma. Agora, transmissão em televisão, não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Fábio Mitidieri) - V.Exa. fala em canal aberto.

O SR. DEPUTADO JOSÉ MENTOR - Aberto e fechado. Hoje, não há distinção. Aberto e fechado é a mesma coisa.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Fábio Mitidieri) - Mas o fechado significa o seguinte, veja o que eu quero dizer: *“Eu paguei para ter direito a ver algo que me interessa”*.

O SR. DEPUTADO JOSÉ MENTOR - Eu sei. Mas hoje você grava e passa em qualquer lugar, qualquer hora, para qualquer público. Então, é aberta e fechada.

Quero até fazer uma correção aqui. A minha assessoria acabou de me trazer: realmente, Nova Iorque, há pouquíssimo tempo, fez a primeira, depois de uma batalha legislativa com muitíssimos interesses em jogo, enormes interesses em jogo.



Mas tudo bem. Em compensação, a Noruega continua proibindo, França e Noruega, duas civilizações que nós citamos toda hora como das mais avançadas.

Mas, como eu estava dizendo, o derivativo, de onde vem o MMA? Vem do vale-tudo, e vem do jiu-jitsu brasileiro, que foi o mais desenvolvido, dos Gracies. E foi conhecido durante muito tempo como uma briga de rua, porque é o quê? Bordoada.

E evoluiu muito. Nesse último período, Presidente, eu reconheço isso, muitos dos golpes que outrora eram permitidos hoje estão proibidos, o que é um avanço, e eu espero que avance mais ainda como foi dito aqui, normas que disciplinem cada vez mais, que deem garantia. Porque dizer que há um médico ao lado do ringue, vamos chamar assim, não é suficiente. É necessário ter um hospital, uma UTI, porque o sujeito sai arrebetado de lá. Eu estou exagerando, porque é verdade isso.

Se a gente fala que no futebol. Claro, aconteceu, já houve fratura de tíbia e fíbula, é verdade, mas ou é ocasional, um acidente, ou, se for deliberado, quem causou é expulso, é julgado, é suspenso, é eliminado do futebol se for reincidente. Aqui, não, é um golpe permitido. Essa é a diferença.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Fábio Mitidieri) - É porque é um esporte de luta, Deputado.

O SR. DEPUTADO JOSÉ MENTOR - Mas o ataque, aquele golpe, é permitido. No futebol, é proibido. Essa é a diferença.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Fábio Mitidieri) - É porque o futebol é um esporte diferente de uma modalidade de luta.

O SR. DEPUTADO JOSÉ MENTOR - Eu sei. Eu estou mostrando essa diferença. Então, não pode comparar o futebol, dizendo que o futebol também tem. Não, o futebol não tem. Ali é um acidente, ou quem faz é punido, porque não pode.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Fábio Mitidieri) - Mas, se aplico um golpe, eu me preparei para aplicar um golpe. Se eu aplico um carrinho por trás e causo uma lesão, eu sou mal-intencionado e devo ser banido mesmo. É diferente.

O SR. ANTÔNIO RODRIGO NOGUEIRA (Minotauro) - E o atleta está despreparado para se defender. Na arte marcial, ele está preparado para se defender.



O SR. DEPUTADO JOÃO DERLY - O rúgbi, por exemplo, é um esporte extremamente violento.

O SR. DEPUTADO JOSÉ MENTOR - Mas não podemos dizer que aqui houve uma tíbia e fíbula quebradas, porque também acontece no futebol. Não, no futebol é diferente. Se acontecer lá, ou foi um acidente, uma fatalidade, ou o cara é mal-intencionado e foi expulso. Aqui, não.

O SR. ANTÔNIO RODRIGO NOGUEIRA (Minotauro) - Também é uma fatalidade no MMA, eu acredito.

O SR. DEPUTADO JOSÉ MENTOR - Não, aqui não.

O SR. ANTÔNIO RODRIGO NOGUEIRA (Minotauro) - Ele não é premiado por quebrar a perna de alguém.

O SR. DEPUTADO JOSÉ MENTOR - Aqui, qualquer lutador de MMA que queira dar o golpe está sujeito a quebrar tíbia e fíbula.

O SR. CARLOS EDUARDO BARRETO DOS SANTOS - Estar sujeito é uma coisa. Ele não é premiado por isso.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Fábio Mitidieri) - Eu saio na rua e estou sujeito a tomar chuva. *(Risos.)*

O SR. DEPUTADO JOÃO DERLY - Eu estou sujeito a ser assaltado. *(Risos.)*

O SR. DEPUTADO JOSÉ MENTOR - Mais do que isso, o lutador de MMA vai pôr uma liga temperada de metal para a canela ficar mais forte, para, na outra, não quebrar.

O SR. ANTÔNIO RODRIGO NOGUEIRA (Minotauro) - É claro que não. Isso é falta de entendimento.

O SR. DEPUTADO JOSÉ MENTOR - O Anderson Silva fez isso.

O SR. ANTÔNIO RODRIGO NOGUEIRA (Minotauro) - Não, não.

O SR. DEPUTADO JOSÉ MENTOR - Desculpem-me, só para terminar aqui. O Anderson Silva não colocou uma tira de metal?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Fábio Mitidieri) - Ele ia ficar com a perna quebrada?

O SR. DEPUTADO JOSÉ MENTOR - Não, mas não foi para ficar mais forte?

O SR. ANTÔNIO RODRIGO NOGUEIRA (Minotauro) - Foi para realmente consertar a perna dele.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Fábio Mitidieri) - Ele teve que consertar a perna.

O SR. DEPUTADO JOSÉ MENTOR - É claro, mas precisava consertar com aço?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Fábio Mitidieri) - A minha mãe não luta MMA não, mas quebrou o tornozelo e teve que colocar 16 parafusos.

O SR. ANTÔNIO RODRIGO NOGUEIRA (Minotauro) - E foi sua mãe, não precisou de MMA para isso.

O SR. DEPUTADO JOSÉ MENTOR - Sr. Presidente, aonde eu quero chegar aqui é que existem dezenas de experiências de inclusão social que reforçam a cidadania, que educam, que retiram jovens e adolescentes do vício, do crime, igrejas católicas, igrejas evangélicas e ONGs, entidades não governamentais, que não ensinam a violência. É isso que eu estou mostrando para vocês aqui, que não precisam ensinar a violência.

O MMA ensina a violência. É isso que temos que tentar impedir. No caso do meu projeto, impedir a proliferação, a divulgação, a expansão da violência pela televisão.

O SR. DEPUTADO JOÃO DERLY - Eu também, quando comecei no judô, em 1988, havia muito preconceito contra o judô. A minha família também e alguns parentes meus achavam que era um negócio extremamente violento, até sem o conhecimento também de que as artes pregam totalmente o contrário à violência.

Nada é 100%. Nós temos bons Parlamentares e também temos maus Parlamentares aqui. Acontece também nas artes marciais, mas, salvo isso, as artes pregam totalmente o contrário à violência. Eu nunca briguei na rua, nem na escola.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Fábio Mitidieri) - O *slogan* é: lutem, não briguem.

O SR. DEPUTADO JOÃO DERLY - Eu sou uma pessoa extremamente calma. Eu consigo escutar o pessoal me xingar aqui e fico tranquilo. *(Risos.)*

O SR. PRESIDENTE (Deputado Fábio Mitidieri) - Isso quase nunca ocorre. *(Risos.)*

O SR. DEPUTADO JOÃO DERLY - Mas temos que desmistificar essas questões. Não pode haver a criminalização de um tipo de modalidade esportiva



porque, aos olhos das pessoas, é violento. O *tae-kwon-do* tem chutes. Se pega um chute no rosto, é nocaute. E é uma modalidade olímpica.

Esta Subcomissão está justamente tentando trazer a desmistificação, trazer um controle melhor, é importante termos um controle para...

O SR. DEPUTADO JOSÉ MENTOR - Mas há proteção. Deputado João Derly, no *tae-kwon-do*, há proteção na cabeça, no corpo, há proteção, não é?

O SR. DEPUTADO JOÃO DERLY - Mas é nocaute. Pega no queixo, que não tem proteção. Pega no nariz. Estoura o nariz...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Fábio Mitidieri) - E pelo lado da inclusão, Deputado João Derly, é de onde vem o bem que agradecemos.

O MMA é um esporte educacional de inclusão, como tem nas escolinhas do Minotauro. Ele não ensina a criança a trocar murro. Ele ensina conceitos de artes marciais. Ele ensina conceitos educacionais. Ele ensina a formar uma criança. Ele ensina o que é o certo e o que é o errado. Ele ensina a lidar com a vitória e com a derrota.

Deputado, compreendo a sua preocupação, porque é uma evolução muito forte que tem acontecido no esporte. O MMA saiu do vale-tudo para as regras de hoje, como a evolução de golpes também. Existem golpes que foram proibidos e que valiam até pouco tempo atrás, como o tiro de meta, e que hoje não vale mais. Particularmente, acho que aquela cotovelada do Jon Jones, que é quase uma serra, poderia ser proibida, embora outros discordem.

Essa é uma evolução que vai acontecendo naturalmente como ocorre em todos os esportes. A luta é um esporte de contato, e vai haver lesões em maior número do que em outros esportes. Isso é natural. O MMA vai evoluir mais do que já evoluiu. Todos os esportes estão evoluindo. O próprio futebol, que não é mais antigo do que a luta — a luta é mais antiga do que o futebol — é mais evoluído institucionalmente, ele muda a regra constantemente também para poder evoluir. A regra do impedimento mudou dia desses. Falo isso, porque a sociedade costuma repudiar tudo aquilo que não compreende, tudo aquilo que desconhece. E temos o papel — nós que queremos, que gostamos, que somos amantes do esporte — de demonstrar à sociedade como é que ele funciona e começar a tirar os preconceitos e admitir em algum momento que se tem algo que podemos melhorar e evoluir, que



melhoremos e evoluamos. Ninguém aqui é contra a evolução do MMA. Ninguém aqui é contra a evolução das artes marciais. Se for comprovado que existe uma maneira que possamos quebrar um pouco do preconceito e evoluir o esporte sem tirar a ciência do que é o esporte, a concepção do que é o esporte, vai ser feito naturalmente dentro do esporte.

V.Exa. falou há pouco aqui até de vaquejada. Sou um dos defensores da vaquejada. O pessoal falava dos maus-tratos dos animais. Hoje até o rabo é artificial para não pegar no rabo do boi. Ele cai numa câmara de areia com 60 centímetros de areia. É fofa. É quase um colchão. Para que tudo isso? Para preservar, porque é uma evolução. O esporte e a vaquejada também evoluíram. Vaquejada é cultura. O esporte... Pior do que jiu-jitsu, do que capoeira, falou da vaquejada está brigando com o Nordeste inteiro.

São evoluções que passamos para a sociedade se adaptar ao que quer. E o MMA também tem crescido constantemente, basta olhar as regras que estão mudando para atingir cada vez mais esse conceito que o judô e o karatê já atingiram.

Quero agradecer a presença do Alex Minduim, Diretor do Departamento de MMA do Corinthians, que se encontra presente nesta reunião.

O SR. CARLOS EDUARDO BARRETO DOS SANTOS - Em cima do que o nobre Deputado expôs, que outros setores da sociedade fazem um bom trabalho de inclusão social, através do esporte, esses mesmos setores, como a Igreja, por exemplo, utilizam a arte marcial, algumas delas o MMA, para poder ajudar na inclusão, através do esporte. Ou seja, o MMA bem gerido é um esporte extremamente saudável, um esporte que tem ferramentas, que pode não só incluir socialmente, mas pode ser meio de canalizar a suposta violência para um caminho de produtividade no qual o cara pode ascender socialmente nessa prática esportiva, tornando-se um profissional.

Há vários casos de atletas que antes estavam no caminho errado, no caminho do crime, começaram a treinar, a dedicar-se à modalidade esportiva, evoluíram, tornaram-se profissionais. Hoje sustentam suas famílias, têm casa própria, carro, ou seja, conquistaram bens materiais, mostrando uma evolução na sociedade. São ídolos mundiais.



Antes, eles estavam à margem da sociedade. Através da ferramenta chamada MMA, eles conseguiram ficar inseridos na sociedade de uma forma muito positiva. Alguns fundamentos elencados pelo nobre Deputado José Mentor são um pouco fora de contexto. Eu creio que a leitura foi feita em decorrência do vale-tudo. No entanto, hoje, o MMA, a evolução em que nos encontramos, muitos dos seus fundamentos, nobre Deputado, se encontram defasados. Eu acho que vale a pena a continuidade desse debate até mesmo para que V.Exa. conheça melhor a realidade atual do MMA no Brasil e no mundo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Fábio Mitidieri) - Queria dar um exemplo, Deputado José Mentor, veja até sociedades que têm conceito educacional mais avançado como o Japão, por exemplo, que todos falam sobre o seu nível educacional, quando encontram um ídolo como Minotauro, que lutou lá e fez sua história, V.Exa. tem que ver a reação da população ao Minotauro. Já vimos imagens de vários exemplos. Ele chega, e as pessoas fazem o movimento de saudação, de reverência, pela história que ele construiu dentro do esporte do MMA no maior evento mundial, o Pride, um evento japonês.

Havia esse entendimento e essa concepção de que o que acontecia dentro do Octagon, do queijo — na época era ringue — não é o que se repete na rua. Vemos isso todos os dias. Vemos um filme, uma novela, não ficamos repetindo na rua. Isso é um conceito que não vamos debater aqui. Acho que temos também que evoluir nessa linha, mas não é o caso aqui, para não perder o foco da Subcomissão. Eu entendo sua preocupação, mas não podemos para tratar o carrapato matar o boi. Temos que cuidar do problema.

Então, se há como evoluir, peço a colaboração de V.Exa. para que ajudemos a evoluir o esporte. Se há algo para melhorar, vamos melhorar. Entretanto, não podemos acabar algo que é um desejo da sociedade mundial, já que é o esporte que mais cresce no mundo. Temos a preocupação de que ele não cresça de forma desordenada no nosso País, já que o brasileiro é um amante das artes marciais e do MMA.

O SR. DEPUTADO JOÃO DERLY - Presidente, eu vou ter que me ausentar. Eu tenho alguns compromissos, tenho uma viagem. O Ministro está convidando o Minotauro e o Carlão para um almoço. Fico agradecido pela oportunidade.



(Não identificado) - Vou pedir licença para acompanhar o Relator.

O SR. DEPUTADO JOÃO DERLY - Infelizmente, eu não vou poder estar junto.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Fábio Mitidieri) - O horário está chegando ao fim. Vamos passar às considerações finais. Quando o assunto é empolgante, vamos levando.

O SR. DEPUTADO JOÃO DERLY - Infelizmente, acabamos atrasando o início. Temos poucas atividades aqui. *(Risos.)* Agradeço a oportunidade. Acho que qualquer coisa adicional, podemos pegar o áudio e estender um pouco mais a discussão.

Muito obrigado pela oportunidade de estar com vocês.

O SR. ANTÔNIO RODRIGO NOGUEIRA (Minotauro) - Obrigado, João. Tu sabes que nós somos fã do seu trabalho. Eu tive a oportunidade de te conhecer pessoalmente e de ver você treinar. Eu que você, muito tempo atrás...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Fábio Mitidieri) - Eu fiquei feliz que você cumprimentou o Minotauro e não teve violência. *(Risos.)*

O SR. DEPUTADO JOÃO DERLY - Você viu que eu comentei à distância, não é? *(Risos.)*

O SR. ANTÔNIO RODRIGO NOGUEIRA (Minotauro) - Obrigado pela tua presença.

O SR. DEPUTADO JOÃO DERLY - Isso é uma evolução. *(Risos.)*

O SR. ANTÔNIO RODRIGO NOGUEIRA (Minotauro) - Joel, eu sei que nunca teve preconceito com o esporte porque você conheceu o MMA. Você é um praticante do judô. Eu vi alguns judocas que tinham um certo preconceito com o nosso esporte, mas a partir do momento em que você conhece o esporte e vê uma academia profissional como a que você presenciou no nosso treinamento, você vê que é um treinamento profissional. Você acompanhou o esporte de perto e você viu que quem o conhece, realmente, não tem preconceito.

Então eu convido o Deputado que conheça melhor o esporte, se aprofunde mais, conheça o Caminhos dos Movimentos para Autodefesa — CAD, conheça os órgãos, porque quem realmente o conhece e o acompanha de perto, quebra aquele preconceito.



O SR. DEPUTADO JOÃO DERLY - O Deputado José Mentor vai ter a oportunidade de treinar karatê, que era o sonho dele. *(Risos.)*

O SR. ANTÔNIO RODRIGO NOGUEIRA (Minotauro) - É o sonho dele, com certeza.

Eu tenho uma coisa para falar sobre a introdução do MMA profissional. Existe uma lei no Estado da Califórnia, que é o Estado mais evoluído, que tem o maior número de praticantes da modalidade nos Estados Unidos, em que o atleta se torna atleta profissional de MMA depois que ele tenha de seis a oito lutas amadoras. Então, ele se prepara para entrar no esporte profissional. Então, o esporte se torna menos, vamos dizer, menos agressivo.

O SR. DEPUTADO JOÃO DERLY - É um pré-profissional, mais ou menos assim.

O SR. ANTÔNIO RODRIGO NOGUEIRA (Minotauro) - É um pré-profissional para ele se preparar. No esporte amador, ele vai ter uma luva maior, ele vai ter regras sobre o uso da caneleira e, em alguns Estados, sobre a proteção da cabeça. Algumas federações mundiais não permitem o *ground and punch*, que é bater no adversário quando este está no chão. Então, a gente queria um dia tentar implantar isso no Brasil, de o atleta, antes de entrar no esporte profissional, passar uma temporada no esporte amador, para ele se preparar para o esporte profissional.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Fábio Mitidieri) - Eu acho que inclusive essa sugestão sua cabe no âmbito da Subcomissão, já que a gente vai apresentar aqui uma proposta de projeto de lei a ser implementado, no sentido de ser uma das condicionantes, para que a pessoa tenha um preparo para que entre nesse mundo, e a gente não tenha nenhuma pretensão de mexer em regra do esporte — isso cabe ao esporte —, mas de mexer nas condições para a prática do desporto e para a realização dos eventos, isso é importante para dar a garantia, para acabar com o preconceito, para dirimir dúvidas, para fazer com que a mentalidade como essa do Deputado José Mentor possa ser cada vez menor, e a gente consiga superar esses desafios.

Aqui não há coisas simples, o Deputado falou uma verdade. Quando você abre uma enquete, ainda há um equilíbrio entre os que são a favor e os que são contra. Entre os que não são contra, ainda há questionamentos quanto à forma com



que é praticado esse esporte. E isso é uma outra coisa que a gente encontra na sociedade, de não ser contra as artes marciais, o MMA, mas de achar o esporte muito violento, e isso é algo no que a gente ainda vai ter que trabalhar e evoluir.

A função maior nossa aqui hoje, nesta Casa, nesta Subcomissão, é justamente contribuir para que a gente evolua no esporte de que a gente gosta, pelo qual a gente é apaixonado. Eu nunca pratiquei, mas eu gosto, eu admiro, eu assisto, e não saio na rua batendo em ninguém. Pelo contrário, é mais fácil apanharmos, pois somos políticos. *(Risos.)*

Mas respeitamos e temos calma. Eu vi o João Derly dizendo aqui da calma que ele tem aqui e lá fora. É isso. V.Sas., que são ídolos, têm uma preocupação muito grande com a imagem fora da prática desportiva, maior até que em outros esportes mais populares. Porque se você vir um jogador de futebol fazendo arruaça na noite, ele é meio perdoado. O esporte não é atingido, mas o atleta. Mas se você vir um atleta de MMA conceituado aprontar alguma na noite, aí jogam tudo no UFC, no MMA e já começa a atingir a imagem do esporte, porque ainda é jovem e está tudo muito atrelado. O tempo é que vai dar essa separação na cabeça das pessoas.

E acho que contribuímos muito. A imagem que o Minotauro, o Carlão, o seu irmão atleta, o Anderson passam para a sociedade é uma imagem positiva, de ídolo mesmo.

Talvez seja o esporte que mais gere ídolos num passado recente no desporto brasileiro. Temos uma sequência de grandes ídolos, grandes campeões mundiais. Isso também ajuda quando estamos conquistando títulos. Enquanto o futebol não está trazendo títulos, outro esporte traz títulos mundiais.

É muito importante que V.Sa., agora nessa função, pós-carreira de atleta, esteja também disseminando o esporte que V.Sa. construiu sua vida, o que V.Sa. é hoje. Eu lhe agradeço.

Gostaria de passar a palavra ao Dr. Célio, para que pudéssemos fazer as considerações finais. De antemão, já agradeço a presença de todos.

O SR. CÉLIO RENÉ - Vou ser bem breve e só agradecer, Deputado. Acho que é desta forma que vamos construir uma política pública esportiva cada vez mais eficiente e mais próxima do que a nossa sociedade deseja.



E eu não tenho dúvidas de que as artes marciais, que o MMA têm muito para contribuir. Mas também acho que temos que organizar o segmento, organizar algumas questões, talvez algumas legislações, para que realmente o potencial da arte marcial sirva da melhor maneira para a sociedade de um modo geral.

Obrigado. Obrigado também aos dois pela participação, pois enriqueceram bastante o nosso debate.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Fábio Mitidieri) - Eu que agradeço. Agradeço também ao Ministro Leonardo Picciani, através de seu representante. V.Sa., como faixa preta de karatê, está representando muito bem as artes marciais e o Ministério dos Esportes aqui hoje.

Com a palavra o Carlão Barreto.

O SR. CARLOS EDUARDO BARRETO DOS SANTOS - Também gostaria de agradecer, mais uma vez, o convite dos Deputados Fábio Mitidieri e João Derly. Agradeço os companheiros de Mesa. Um Deputado já foi embora, mas lhe agradeço também por trazer o outro lado da moeda, que também é importante para o debate. E me coloco à disposição, mais uma vez, para debater, para conversar, para que possamos criar um modelo que seja saudável e que agrade à sociedade brasileira.

Sabemos que o MMA é um esporte que vem crescendo muito. Já existem organizações que fazem com que o MMA profissional cresça de uma forma organizada, ordenada. Vamos agora trabalhar em cima do MMA desportivo, do MMA que fomenta a prática de esportes de uma forma sólida, de uma forma organizada. Eu me coloco à disposição. E coloco à disposição essa nova instituição que estamos montando, que é a Confederação Brasileira de MMA Desportivo, à disposição do Conselho Federal de Educação Física — CONFEF —, para conversar sobre o curso, conversar sobre a formação de treinadores.

Queremos, realmente, participar de uma forma efetiva da sociedade brasileira, mostrar que o MMA, que todas as pessoas envolvidas com o esporte, lutadores, treinadores, dirigentes, querem o crescimento do esporte e uma inclusão saudável à sociedade civil.

Então, muito obrigado pela oportunidade. Quando precisar do meu pequeno conhecimento, estou à disposição do senhor.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Fábio Mitidieri) - V.Sa. já é de casa, Carlão. Já é a segunda vez, daqui a pouco está batendo ponto como nós. *(Risos.)*

O SR. ANTÔNIO RODRIGO NOGUEIRA (Minotauro) - Obrigado por participar. Sei que tem a preocupação de V.Exas. e de todos nós na organização do nosso esporte. Tenho certeza de que estão sendo dados pequenos passos. Vamos chegar lá. Um dia poderemos educar as pessoas, como o Deputado, que não conhecem o esporte, a aceitarem o grande esporte brasileiro que é o nosso, um grande formador de ídolos.

Obrigado pelo convite. Estarei à disposição para vir mais vezes.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Fábio Mitidieri) - Eu que agradeço a todos. Como disse, são pequenos passos que estão sendo dados no dia a dia para que façamos desse esporte cada vez maior. Eu não acredito que seja o maior, porque o futebol tem um histórico, como uma religião, mas sim o segundo esporte do povo brasileiro.

Agradeço mais uma vez a todos que tiveram a oportunidade de acompanhar nossa audiência pública. Com isso, declaro encerrada a presente sessão.

Muito obrigado.